



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

**SHEILA ALMEIDA DE OLIVEIRA**

**ESTUDO DA PAISAGEM E A CONSTRUÇÃO DO SABER GEOGRÁFICO NA  
ESCOLA MUNICIPAL ESPÍRITO SANTO, ALAGOA NOVA - PB**

**CAMPINA GRANDE – PB**

**2011**

**SHEILA ALMEIDA DE OLIVEIRA**

**ESTUDO DA PAISAGEM E A CONSTRUÇÃO DO SABER GEOGRÁFICO NA  
ESCOLA MUNICIPAL ESPÍRITO SANTO, ALAGOA NOVA – PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Geografia.

Orientador: Professor Ms. Everaldo Lisboa dos Santos

CAMPINA GRANDE – PB

2011

O48e Oliveira, Sheila Almeida de.

Estudo da paisagem e a construção do saber geográfico na escola municipal Espírito Santo – Alagoa Nova – PB. [manuscrito]: / Sheila Almeida de Oliveira. – 2011.

67 f.: il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2011.

“Orientação: Prof. Me. Everaldo Lisboa dos Santos, Departamento de História e Geografia”.

1. Paisagem 2. Geografia e Ensino 3. Construção do conhecimento. I. Título.

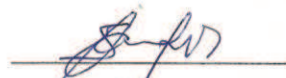
21. ed. CDD 712

**SHEILA ALMEIDA DE OLIVEIRA**

**ESTUDO DA PAISAGEM E A CONSTRUÇÃO DO SABER GEOGRÁFICO NA  
ESCOLA MUNICIPAL ESPÍRITO SANTO, ALAGOA NOVA – PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Graduação em Geografia da  
Universidade Estadual da Paraíba, em  
cumprimento à exigência para obtenção do  
grau de Licenciado em Geografia.

Aprovada em 17 / 06 / 2011



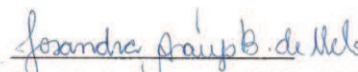
Prof. Ms. Everaldo Lisboa dos Santos / IIEPR

Orientador



Prof. Dr. João Damasceno / UEPB

Examinador



Profª Drª. Josandra Araújo Barreto de Melo / UEPB

Examinadora

## DEDICATÓRIA

Às pessoas ímpares da minha vida, em quem me espelho e a quem tudo agradeço: Meus pais Moacir e Elizete.

## AGRADECIMENTOS

A DEUS, Senhor que confirma as obras de minhas mãos, a quem tudo entrego, que me ilumina em todos os momentos da vida.

Aos meus pais, Moacir e Elizete, por sonharem comigo e me incentivar a alcançar os meus objetivos.

A Dimas, pessoa que Deus colocou no meu caminho, e que aprendo a amar cada vez mais; que me motiva quando olhamos juntos para o futuro.

Aos meus familiares e vizinhos, de modo muito especial, as minhas irmãs Shirlania e Rilavia e aos meus avós paternos e maternos (*in memoriam*).

A Joca e Nicolina, pelo acolhimento afetivo e físico, essencial para o término do curso.

Ao meu orientador, Professor Mestre Everaldo Lisboa dos Santos, pois desde o momento em que o procurei, me recebeu com toda a dedicação e carinho, se esforçando bastante para que fosse possível a realização deste trabalho.

Ao Motim (Cris, Sama, Jana, Mona, Marta, Adailton, André, Mário e Johnsons), e a turma de Geografia 2007.1 – Noite (em especial Joélica e Vera); obrigada a todos, cada um tem algo que vai me fazer lembrar sempre de tudo o que vivi.

A todos os meus Professores, que através dos conhecimentos transmitidos mostraram quão imensa é a ciência geográfica.

A todos os meus amigos e colegas por todos os momentos vividos no ônibus, nas aulas de campo, nos congressos e encontros, nos corredores e bancos do CEDUC.

Aos alunos do 3º ao 5º ano da Escola Municipal Espírito Santo e a Professora Celice Correia de Oliveira, pela disponibilidade e pelo carinho na ajuda direta deste trabalho.

“estamos vivendo um momento de transição, uma relação dialética entre os comportamentos enraizados em nós e o desejo de encontrar formas alternativas de democratização do saber” (CUNHA, 2008, p. 151).

## RESUMO

OLIVEIRA, Sheila Almeida de. **Estudo da paisagem e a construção do saber geográfico na Escola Municipal Espírito Santo, Alagoa Nova – PB.** 67 pág. Monografia de Graduação em Licenciatura Plena em Geografia. CEDUC/UEPB, Campina Grande - PB, 2011.

Diante do processo de renovação por qual passa a ciência geográfica, no que tange às suas teorias e metodologias, fica perceptível o quanto se faz necessário buscar por constantes alternativas de transmissão e construção do conhecimento, para que seja atingido o seu objetivo enquanto ciência ou disciplina escolar, que é oferecer meios de compreensão do espaço geográfico. Por isso, a importância em se trabalhar o conceito de paisagem, pois este se torna elemento de revelação das práticas sociais existentes no espaço, portanto, “uma ferramenta” de construção do ensino, ainda mais para a 1ª Fase do Ensino Fundamental, que é quando os alunos iniciam o seu contato com a geografia. Assim, através dos subsídios oferecidos pelo conceito de paisagem, este trabalho tem como objetivo observar como os alunos do 3º ao 5º ano da Escola Municipal Espírito Santo em Alagoa Nova – PB constroem seus conhecimentos sobre a organização do espaço vivenciado por eles. A metodologia utilizada foi pesquisas bibliográficas, aplicação de questionário, aulas expositivas e dialogadas, e, aula de campo. Só assim, os alunos conseguiram entender a organização espacial, do qual eles são frutos, mas ao mesmo tempo são agentes modificadores de acordo com a técnica e cultura que possui.

**PALAVRAS-CHAVE:** Conceito de Paisagem; Geografia e Ensino; Construção do conhecimento.



## ABSTRACT

OLIVEIRA, Sheila Almeida de. **Estudo da paisagem e a construção do saber geográfico na Escola Municipal Espírito Santo, Alagoa Nova – PB.** 67 pág. Monografia de Graduação em Licenciatura Plena em Geografia. CEDUC/UEPB, Campina Grande - PB, 2011.

Before the renewal process by which changes its geographical science, in regard to his theories and methodologies, it is noticeable how much is needed constant search for alternatives to transmission and construction of knowledge, in order to achieve your goal as a science or discipline school, which is to offer ways of understanding the geographical space. Therefore, the importance of working the concept of landscape, because it becomes an element of revelation of the social practices that exist in space, so a “tool” of construction of education, especially for Stage 1 of primary school, which is when students begin their contact whit the geography. Thus, through the subsidies offered by the concept of landscape, this study aims to observe how students from 3<sup>rd</sup> to 5<sup>th</sup> year of the Escola Municipal Espírito Santo, Alagoa Nova – PB build their knowledge about the organization of space experienciade by them. The methodology used was literature searches, questionnaires, lectures and dialogues and class field. Only then, did the students understand the spatial organization of which they are fruits, but at the same time are modifying agents according to the technique and culture you have.

**KEY-WORDS:** Concept of Landscape; Geography and Education; Construction of knowledge.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 01-</b> Localização do município de Alagoa Nova (PB).....	24
<b>Figura 02-</b> Folder da Festa dos Caminhos do Frio – Rota Cultural.....	25
<b>Figura 03-</b> Mapa com as Microrregiões da Paraíba.....	26
<b>Figura 04-</b> Folder da Festa da Galinha e da Cachaça.....	26
<b>Figura 05-</b> Destilaria Macaíba, localizada na área rural da cidade.....	28
<b>Figura 06-</b> Lagoa da cidade, local de diversão.....	29
<b>Figura 07-</b> Imagem do Sítio Ribeiro.....	42
<b>Figura 08-</b> Sítio agroecológico com a plantação de verduras.....	43
<b>Figura 09-</b> Associação dos Agricultores do Sítio Ribeiro.....	44
<b>Figura 10-</b> Igreja Católica Nossa Senhora da Conceição.....	45
<b>Figura 11-</b> “Netão”, campo de futebol em dia de jogo.....	46
<b>Figura 12-</b> “Banda Apagão”, composta por moradores locais.....	46
<b>Figura 13-</b> Escola Municipal Espírito Santo.....	48
<b>Figura 14-</b> Atividade de leitura na escola municipal.....	49
<b>Figura 15-</b> Turma multisseriada do 3º ao 5º ano da E. M. Espírito Santo.....	50
<b>Figura 16-</b> Resposta dos alunos sobre sua preferência por Geografia.....	51
<b>Figura 17-</b> Resposta dos alunos sobre o que eles aprendiam com geografia.....	52
<b>Figura 18-</b> Desenho de uma aluna do 3º ano sobre paisagem.....	53
<b>Figura 19-</b> Desenho de uma aluna do 5º ano sobre a paisagem.....	54
<b>Figura 20-</b> Resposta dos alunos sobre qual figura é uma paisagem.....	55
<b>Figura 21-</b> Poço para armazenar água no Sítio Ribeiro.....	56
<b>Figura 22-</b> Antiga Casa de Farinha.....	57
<b>Figura 23-</b> Atividade realizada em sala de aula.....	58

## SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS</b> .....	10
<b>CAP. 1- PAISAGEM - UMA ABORDAGEM CONCEITUAL</b> .....	12
1.1– PAISAGEM E SEUS SIGNIFICADOS.....	13
1.2 - AS CORRENTES DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO E O CONCEITO DE PAISAGEM.....	18
<b>CAP. 2- ALAGOA NOVA: uma abordagem histórica sócioeconômica</b> .....	21
2.1 – ALAGOA NOVA: dos primeiros habitantes à cidade.....	22
2.2– ASPECTOS SÓCIOECONÔMICOS.....	24
<b>CAP. 3 – ESTUDO DA PAISAGEM E A CONSTRUÇÃO DO SABER GEOGRÁFICO NA ESCOLA MUNICIPAL ESPÍRITO SANTO, ALAGOA NOVA – PB</b> .....	30
3.1 A IMPORTÂNCIA DA SIGNIFICAÇÃO DOS CONCEITOS.....	31
3.2- TRAJETÓRIA DA GEOGRAFIA ESCOLAR.....	34
3.3- EDUCAÇÃO EM ALAGOA NOVA: uma breve análise.....	39
3.3.1 As classes multisseriadas: uma análise da realidade no Sítio Ribeiro.....	40
3.3.2 Sítio Ribeiro: uma breve apresentação.....	42
3.3.3 Escola Municipal Espírito Santo: uma descrição do ambiente de estudo.....	47
3.3.3.1 Resultados obtidos na Escola Municipal Espírito Santo, Sítio Ribeiro, Alagoa Nova – PB.....	49
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	60
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	62
<b>APÊNDICES</b> .....	66
<b>ANEXOS</b> .....	67

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O mundo hodierno já não admite um ensino onde o espaço estudado seja algo abstrato, longe da realidade dos educandos e, assim, a Geografia não pode ser vista como uma ciência decorativa ou sem nenhuma importância, tendo em vista a sua relevância no que diz respeito à organização do espaço geográfico, e isto torna-se ainda mais importante ao analisar-se o espaço atual onde os fatos e os fenômenos acontecem em um ritmo cada vez mais acelerado, necessitando de explicações a respeito da emergência de novos espaços, posto que as mudanças acontecem em todos os âmbitos e atingem múltiplas escalas - local, regional e global.

Com o intuito de fornecer subsídios para a compreensão da organização espacial, é possível entender, através da Geografia, como o ser humano se relaciona com os seus semelhantes e com a natureza, pois se observa a importância de se trabalhar com o conceito de paisagem, já que esta é a complexa trama das formas humanas e naturais desenvolvidas em determinada área (VIEIRA, 2009). Por isso, a paisagem torna-se um conceito relevante para a ciência geográfica.

Sabe-se que a Geografia, através de seus conteúdos analisa o espaço em suas distintas dimensões, fazendo o educando compreender e intervir neste espaço que, por sua vez, está em constante dinâmica e não suporta velhas metodologias para “decifrá-lo”.

Com este objetivo, a presente pesquisa visa fazer uma análise da construção do conceito de paisagem por parte dos alunos do 3º ao 5º ano da Primeira Fase do Ensino Fundamental da Escola Municipal Espírito Santo, no Sítio Ribeiro, Alagoa Nova – PB. Para tal, se faz necessário observar como o conceito supramencionado está sendo abordado em sala de aula e detectar as dificuldades encontradas pelos docentes em “dinamizar” o ensino.

Para a realização do trabalho, abordamos distintas técnicas. De imediato, foi feita uma busca bibliográfica em teóricos – Cavalcanti (2006), Corrêa (1995), Rosendahl (1998), Santos (2008), Cosgrove (1998), dentre outros, que vêem no conceito de paisagem uma forma de transmitir os conteúdos geográficos. Posteriormente, foi feita a observação da turma e, em seguida, aplicou-se um questionário com o intuito de vivenciar a realidade do ensino na unidade escolar. Com isto, fez parte da pesquisa o levantamento quantitativo, aulas expositivas e dialogadas, também uma aula de campo para “sentir, olhar, cheirar e ouvir a

paisagem local”- já que os alunos analisaram o Sítio Ribeiro - e um segundo questionário para ver as absorções feitas pelos alunos.

Após a concretização dessas estratégias e tomando posse dos dados, o trabalho foi dividido em três capítulos. No primeiro capítulo, abordam-se as distintas definições do conceito em tela por vários autores e, em seguida, observa-se sua evolução durante as correntes do pensamento geográfico. O segundo capítulo, apresenta uma abordagem histórica e socioeconômica do município de Alagoa Nova – PB, para promover uma “familiarização” com o município, recorte espacial do trabalho, e, por último, no terceiro capítulo, apresenta-se o resultado da pesquisa em si, fazendo uma abordagem sobre a importância da construção de conceitos e uma observação a respeito da trajetória da ciência geográfica, através da análise particular da educação de Alagoa Nova – PB, realizando, inicialmente, uma apresentação a respeito das turmas multisseriadas, realidade local e, posteriormente, uma apresentação do quadro socioeconômico do Sítio Ribeiro para poder, por fim, apresentar os resultados obtidos com a pesquisa.

**CAP. 1- PAISAGEM - UMA ABORDAGEM CONCEITUAL**

O conceito de paisagem desfruta de grande relevância dentro da corrente geográfica, sendo um dos conceitos-chaves da ciência geográfica. Diante do exposto, o primeiro capítulo se inicia com as “definições” do conceito em tela, abordando diversos teóricos que analisam seu significado e evolução durante o pensamento geográfico.

### 1.1– Paisagem e seus significados

“Nós estamos interessados naquela parte da paisagem que nos diz respeito como seres humanos porque nós somos parte dela, vivemos com ela, somos limitados por ela e a modificamos”

Carl O. Sauer (1998, p. 29)

O termo paisagem apresenta distintas acepções, podendo ser definido de múltiplas formas o seu campo de estudo, que é muito complexo, pois a mesma, como destaca Santos (1998, p. 61): é “um mosaico de relações, de formas, funções e sentidos (...) Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc.”.

Diante do exposto, o conceito em tela desponta como um dos “conceitos - chaves da geografia” somando-se ao lugar, região, território e espaço (CORRÊA; ROSENDAHL, 1998, p. 07). Mas o que vem a ser realmente a paisagem? A maioria dos que fazem parte do saber a ser construído na instituição escolar, bem como fora dela (até por que o processo de construção do saber geográfico<sup>1</sup> não atua somente dentro do âmbito escolar, mas sim em todas as dimensões nas quais a sociedade está inserida e é atuante), entendem a Paisagem através de uma “conceituação tosca” (HOLZER, 1999, p. 151), na qual ela se limita a uma parte do espaço que pode ser observada.

O mundo em que se vive hoje não é inerte, não está parado como uma fotografia, mas sim em constante dinâmica, sempre superando novos paradigmas, novas ideologias. É muito mais complexo por envolver diversas tecnologias, por estar organizado em redes que ligam toda a sociedade, deixando-a intrincada e até mesmo, desorganizada, pois os fatos deixaram de serem elucidados apenas por si mesmos.

---

<sup>1</sup> A este respeito Lencioni (*apud* Suzuki (2007, p. 18)) nos afirma que: “é necessário não confundir geografia com conhecimento geográfico, pois este último não se prende às formas acadêmicas instituídas no século XIX. O conhecimento geográfico no que se refere ao conhecimento acerca do mundo está presente em qualquer civilização. E está presente porque viver significa conhecer o espaço circundante e produzir interpretações das mais simples experiências”.

Como estão articulados em redes<sup>2</sup>, passaram a depositar marcas em outros lugares, da mesma forma estão impregnados por “tradições” de diferentes locais, de forma a consentir várias perguntas sobre a sua organização espacial, objetivo que a Geografia busca responder ao longo de sua “missão”, enquanto disciplina institucionalizada no final do século XIX.

Há uma constatação de que o ambiente físico já não é o mesmo com o passar dos tempos, bem como a sociedade inserida neste, sociedade esta que transforma o meio natural em prol de suas necessidades e, ao mesmo tempo, é fruto deste meio. Então, o que fazer para poder dar subsídios para que os agentes ativos do processo de construção do saber geográfico, alunos/professores/comunidade, possam entender o que está acontecendo na esfera da organização do espaço? Uma das respostas para esta pergunta é justamente poder se apoiar no conceito de paisagem, pois “pensar a paisagem é pensar os grupos que a constituem e a maneira como usam o espaço” (VIEIRA, 2009, p. 38).

Assim, quando se entende a paisagem é possível compreender o grau de intensidade que há na relação entre a natureza e a sociedade, tendo em vista que só se pode apreender uma paisagem quando se entende as funções exercidas no âmbito social.

O observador poderá desvendar como os elementos foram se somando e se relacionando ao longo do tempo, no qual a sociedade faz uso de acordo com poder econômico ou de acordo com a sua cultura para transformar a natureza, compreendendo-se com isto que é algo muito mais além do que apenas a visão pode alcançar, justamente por ser uma transação de grande complexidade entre as formas naturais e sociais, configurando em suas características anseios que a sociedade tinha de valor e reproduziu.

Acontece que, desde o tempo de sua institucionalização, quando a ciência geográfica servia apenas para quantificar e descrever, é possível ver o elo que havia entre esta disciplina e o conceito de paisagem, pois a Geografia estava muito preocupada em descrever os aspectos físicos, tanto que acreditavam ser esta uma ciência natural.

O que contribuiu para isto foi o conceito supramencionado, que também estava muito ligado aos cenários naturais, pois “até o século XVIII, a paisagem era, portanto, sinônimo de pintura (...) esse fato influenciou consideravelmente a construção do conceito de paisagem” (LUCHIARI, 2001, p. 15). Como consequência disso, nos dias de hoje, ainda há este “engano” em ligar a paisagem a uma vista de algo natural, belo, sem intervenção nenhuma do ser humano.

---

<sup>2</sup> A respeito de redes, DIAS (1995, p. 147) nos afirma que: “Todos estes processos para serem viabilizados implicaram estratégias, principalmente estratégias de circulação e de comunicação, duas faces da mobilidade que pressupõem a existência de redes, uma forma singular de organização”.



Faz-se necessário entender que, de uma maneira mais subjetiva, “observando os fatos não-observáveis”, pode-se unir o concreto que é visível com a subjetividade do sujeito que é o observador, até por que a paisagem vai se demonstrar diferente, dependendo da “trama de relações que nela se desenvolvem. Distingue-se também de acordo com o ponto de vista de quem a observa, qual o ator social que busca compreendê-la ou mesmo observá-la” (VIEIRA, 2009, p. 39), posto que:

ao se introduzir a leitura da paisagem, a comparação das diferentes leituras de um mesmo objeto é muito importante, pois permite o confronto de idéias, interesses, valores socioculturais, estéticos, econômicos, enfim, das diferentes interpretações existentes e a constatação das intencionalidades e limitações daquele que observa (BRASIL, 1997, p. 101).

Ao observarmos o que ela representa, o acúmulo das práticas sociais (arraigadas com a cultura) sobre o espaço, convertendo-o em lugares, territórios e etc., se faz preciso antes de tudo entender a subjetividade tanto de quem a construiu como também de quem a estar observando, agora:

é claro que essas imagens, fazendo parte do imaginário coletivo, são reações aos nossos desejos, experiência, questionamentos que também fazem parte da realidade concreta, conseqüentemente, influenciaram a consciência e o entendimento coletivo sobre as mesmas (COSTA, 2008, p. 165).

Participando deste debate Luchiari (2001, p. 19) afirma que:

a paisagem é, ao mesmo tempo, ancorada no solo, modelada pelas transformações naturais e pelo trabalho do homem e, acima de tudo, objeto de um sistema de valores construído historicamente e apreendido diferentemente, no tempo e no espaço, pela percepção humana.

Devido a organização espacial estar cada vez mais complexa e por isso necessitar de conteúdos que possam não só compreender como também interferir neste espaço, é tarefa da disciplina de Geografia buscar por procedimentos, métodos e novas teorias que levem aos alunos instigarem os conteúdos e fazer um elo entre o que é visto em sala de aula com a sua vida real. Para se conseguir isto, o professor, que é mediador, tem que levar o aluno a construir seus próprios conceitos em relação à paisagem, que pode significar muito na

compreensão do espaço. O professor deve se segurar ao conceito em tela; ele torna-se ainda mais relevante por envolver totalmente o aluno no processo de construção, pois esta é:

o domínio do visível – a expressão visível de um espaço -, o domínio do aparente, de tudo que nossa visão alcança; o domínio do que é vivido diretamente com nosso corpo, com nossos sentidos – visão, audição, tato, olfato, paladar; ou seja, trata-se da dimensão das formas que expressam o movimento da sociedade. A observação e a compreensão dessas formas servem para dar caminhos de análises do espaço (...) Pela observação dos objetos da paisagem – observação que é subjetiva e seletiva -, percebem-se as ações sociais, as testemunhas de ações passadas, de distintos tempos (CAVALCANTI, 2008, p. 51-52).

Após perceber a dimensão que pode ser retratada com este conceito, fica ainda mais claro o quanto ele é importante para a transmissão do conhecimento geográfico, pois o aluno em sua formação perceberá, não só as formas materiais, como também as forças subjetivas - a cultura vigente, a tecnologia disponível e o poder aquisitivo a que se dispunha que levaram a construção de diferentes formas.

As impressões que o ser humano deixou podem se transformar constantemente, pois guardam em si, fatos e desejos que a sociedade tinha e que realizou no espaço, a complexidade do tempo e das causas pelas quais foram produzidas, as relações que entrelaçadas às diferenciaram, já que estas surgem a partir da sociedade que a produz e reproduz, constantemente, em vista de assegurar seus objetivos.

A paisagem é natural, é artificial, é simbólica, pode-se falar que é uma incógnita, desde que não se busque o seu verdadeiro significado, sua essência, mas deixa de ser um enigma quando há uma intenção em se expor o que ela tem em sua construção, pois ela é muito ampla e pode revelar o que se deseja do espaço, pois:

tem uma dimensão morfológica, ou seja, é um conjunto de formas criadas pela natureza e pela ação humana, e uma dimensão funcional, isto é, apresenta relações entre as suas diversas partes. Produto da ação humana ao longo do tempo, a paisagem apresenta uma dimensão histórica. Na medida em que uma mesma paisagem ocorre em certa área da superfície terrestre, apresenta uma dimensão espacial. Mas a paisagem é portadora de significados, expressando valores, crenças, mitos e utopias: tem assim uma dimensão simbólica (CORRÊA e ROSENDAHL, 1998, p. 08).

Ao se observar que ao buscar o verdadeiro sentido e, sobretudo, levar aos alunos a construir seus próprios conceitos haverá um grande salto em entender as práticas sociais, e não apenas o resultado visível dessas práticas como também o que está oculto e que deu origem a tudo o que faz parte da organização do espaço.

Dizer que a Geografia é tudo, não é uma hipérbole por parte de quem faz esta afirmativa, “porque a Geografia está em toda parte, reproduzida diariamente por cada um de nós” (COSGROVE, 1998, p. 121), bem como a paisagem, pois esta sempre se configura em todas as dimensões, por não ser apenas formada dos aspectos visíveis como também dos aspectos invisíveis. Estes parecem ter maior influência no que diz respeito a constituição dos desenhos que são visíveis, por isso esta ligação tão intrínseca entre a ciência geográfica e o conceito em tela, pois “nós insistimos em um lugar para uma ciência que encontra seu campo inteiramente na paisagem” (CORRÊA e ROSENDAHL, 1998, p. 17).

Mesmo que para a sua compreensão se inicie com a observação, quando se for adentrando no mundo que uma paisagem pode oferecer, é preciso ir muito além da observação do que é perceptível, pois para o seu desvendamento, se faz necessário sentir o jogo de relações que há na sua formação - de cunho político, religioso, econômico, dentre outras.

Faz-se necessário pôr os sentidos – olfato, paladar, tato, audição e visão - no intuito de entender como se deu o processo de formação e de constante mudança, de acordo com as necessidades desejadas, ainda mais quando é possível assimilar que “a identificação do sujeito com a paisagem é explicitada pela relação cognitiva, onde a construção da memória do lugar, é representada pelas atividades cotidianas onde se produz formas<sup>3</sup> de espaço culturalmente construídas” (COSTA, 2008, p.152), já que são marcas da sociedade.

O processo de construção e de entendimento do conceito em tela é muito amplo. Quando se pensa nos diversos significados que uma paisagem pode adquirir, fica ainda mais complexa essa trama, até por que ela varia de acordo com as observações que são feitas e a ela são atribuídas, pois mesmo sendo uma paisagem artificial, pode ter diversos significados, de acordo com quem for o observador e o que dela pretende abstrair - ela vai se mostrar diferente, dependente de quem for o sujeito envolvido no processo de observação/compreensão, vai se diferenciar para um geógrafo, para um arquiteto, para um jardineiro, para um economista - conforme as aspirações de quem for o observador.

---

<sup>3</sup> A respeito das categorias espaciais ver Corrêa, 1995.

Para se compreender a organização do espaço, é preciso que haja uma união dos conceitos geográficos, e que haja, juntamente, um elo entre estes e a vivência dos que fazem parte do processo de construção.

Todos os conceitos estão interligados, no intuito de descrever a superfície terrestre, seja através de seus aspectos naturais ou artificiais, moldados a partir da cultura que o ser humano vem arraigado, entendendo cultura como “um patrimônio de conhecimentos e de competências, de instituições, de valores e de símbolos, constituído ao longo de gerações e característico de uma comunidade humana particular” (CAVALCANTI, 2002, p. 72).

Tendo-se como base que a cultura é um importante fator, se não o predominante na construção de formas de diferentes tipos das paisagens, até porque “a paisagem cultural é modelada a partir de uma paisagem natural por um grupo cultural. A cultura é o agente, a área natural é o meio, a paisagem cultural o resultado” (SAUER, 1998, p. 59). Assim, o ser humano transforma o espaço em lugares, regiões e territórios, de acordo com a sua cultura, que o induz, mesmo que inconscientemente.

Portanto, para se entender uma paisagem e se formar o seu verdadeiro conceito, os agentes que estão no processo devem buscar por todas as dimensões que ela guarda em si, dimensões que reportam muito da história que a sociedade imprimiu na natureza, com as marcas de sua cultura e que estes observadores, ao desvendarem, acabam sendo influenciados por suas convicções e a moldam conforme o que desejam retirar dela, além de também serem influenciados por ela própria, já que a mesma impõe um entendimento ao observador.

## **1.2 - As correntes do pensamento geográfico e o conceito de paisagem**

A Geografia, durante o seu percurso enquanto ciência e disciplina escolar, passou por diversas transformações, na forma de analisar os fatos/fenômenos, num processo evolutivo decorrente da emergência de novos paradigmas; diante deste processo de mudança estão os conceitos que lhe são mais comuns: espaço, lugar, paisagem, território e região, que foram evidenciados, cada um, conforme a corrente do pensamento geográfico.

Gomes (2001, 57-58) nos aponta que:

a paisagem surge como possibilidade de representação. Inicialmente, sob a forma artística, como testemunham as pinturas nos vasos gregos de século 6 a.C. (...) Posteriormente, nos memoriais descritivos religiosos (...) Depois, as cruzadas, os registros pictóricos e narrativos no século XV com os pintores flamengos, relatos de viajantes trabalhados pelos pintores e geômetras nos séculos XVI e XVII, abrindo caminhos, nos séculos seguintes, para o tratamento científico dessas revelações com os naturalistas e, conseqüentemente, para o seu caráter cultural.

Participando deste debate, Vieira (2009, p. 13) afirma que: “o conceito de paisagem é mais antigo que a sistematização da Geografia enquanto ciência” e quando este foi apropriado pela ciência geográfica, enfrentou momentos de aceitação e contestação, chegando-se até a se interrogar sobre sua cientificidade. No que se refere à Geografia Tradicional, que se estende oficialmente de 1870 a 1950, embora esteja presente até hoje, há o privilégio do conceito de região-natural, região-paisagem e de paisagem.

Devido a transformações ocorridas, “este conceito foi mesmo relegado a uma posição secundária” (CORRÊA; ROSENDAHL, 1998, p. 07), pois na Geografia Teorético-Quantitativa, que surge na década de 1950, não há muita ênfase no que diz respeito à paisagem, pois a ciência geográfica passa por grandes renovações, começa a ser vista como ciência social e, até mesmo, como ciência espacial.

Com o advento da Geografia Crítica na década de 1970, há uma ruptura com os pensamentos da Geografia Tradicional e da Geografia Teorético-Quantitativa, mas novamente o conceito de espaço ganha renome, desta vez abarcando a sociedade e suas formas de organização e até outros conceitos, conforme afirma Corrêa (1995, p. 27):

nesta linha de raciocínio admitimos que a formação sócio-espacial possa ser considerada como uma meta-conceito, um paradigma, que contém e está contida nos conceitos-chave, de natureza operativa, de paisagem, região, espaço (organização espacial), lugar e território.

O período posterior aos anos de 1970, quando a Geografia Humanista entra em cena e em 1980 com a Geografia Cultural, é que o conceito de paisagem retoma o seu valor, visto que estas “Geografias” estão estruturadas no valor subjetivo das coisas, no simbolismo, na

vivência, assim a paisagem torna-se de suma importância, pois ela retrata as marcas da sociedade feitas no espaço, marcas estas dotadas de subjetividade (CORRÊA, 1995).

Diante do exposto neste capítulo, seguir-se-á descrições sobre as diferentes paisagens de Alagoa Nova, buscando compreendê-las em todas as suas dimensões, desvendando não só os aspectos visíveis, mas os aspectos subjetivos que têm grande força em construir diversas formas.

**CAP. 2- ALAGOA NOVA: UMA ABORDAGEM HISTÓRICA E SÓCIOECONÔMICA**

Como foi evidenciado no capítulo anterior, a paisagem é um conceito capaz de expor as práticas sociais que se dão na organização do espaço e que o transformam constantemente. Deste modo, o conceito em tela apresenta grande relevância nos estudos de Geografia.

Pode-se entender uma paisagem de várias formas. Então, através de breves descrições, o capítulo em destaque retratará o município de Alagoa Nova e o Sítio Ribeiro - onde se situa o objeto de estudo: Escola Municipal Espírito Santo – através dos seus aspectos históricos e econômico-sociais, para que haja o conhecimento do município em tela.

## 2.1 – Alagoa Nova: dos primeiros habitantes à cidade

“Matuto no mêi da pista  
menino chorando nu  
rolo de fumo e beiju  
colchão de palha listrado  
um par de bêbo agarrado  
preto véio rezador  
jumento jipe e trator  
lençol voando estendido  
isso é cagado e cuspidio  
paisagem de interior

(...)

Meninas na cirandinha  
um pula corda e um toca  
varredeira na fofoca  
uma saca de farinha  
cacarejo de galinha  
novena no mês de maio  
vira-lata e papagaio  
carroça de amolador  
fachada de toda cor  
um bruguelim desnutrido  
isso é cagado e cuspidio  
paisagem de interior”

(Paisagem do Interior - Jessier Quirino)

Remontar a história do município de Alagoa Nova apresenta grande complexidade, pois os documentos que revelavam como ocorreu a sua formação foram queimados no ano de 1874, já que o município foi vítima da Revolta de Quebra Quilos – um movimento revolucionário que se iniciou no Estado da Paraíba e se alastrou para os Estados vizinhos. Os revoltosos criticavam o novo sistema de medidas, a população já vinha insatisfeita e tudo piorou quando o governo colocou um novo modelo de medidas e eram cobradas taxas para poder se alugar ou comprá-las, já que as antigas não poderiam ser mais utilizadas, “desconfiada de que estava sendo roubada e enganada através da conversão de um sistema de medidas para outro” (LIMA, 2005, p.63), a população começou a dominar as feiras e destruir os pesos, bem como houve a invasão dos cartórios e a queima dos documentos.



Quanto a sua origem, há grande indefinição, conforme nos comprova o próprio Hino do Município:

Tua história cheia de mistério  
É a força que da tradição  
Energia que eleva ao etéreo  
Sublimando minha imaginação

Há várias versões da sua origem, dentre as quais, as mais aceitas são as seguintes: a localização, posto que além de servir como elo entre o Sertão e o Litoral, havia em seu território uma depressão, que nos meses chuvosos enchia de água e formava uma lagoa onde os tropeiros descansavam com suas tropas e ao redor desta “lagoa nova” foram se aglomerando as casas.

Outra versão nos afirma que, essa região era habitada pelos Índios Bultrins da Nação Cariris, vieram os missionários na intenção de catequizá-los, e também os exploradores a procura de ouro e mesmo nada encontrando começaram a construir as casas perto da lagoa que servia de abastecimento.

O aglomerado de casas que existia perto da lagoa já era chamado de Alagoa Nova no ano de 1778 e, no ano de 1790, o povoado em destaque passou a ser um distrito do Município da Vila Nova da Rainha (atual Campina Grande), sendo elevada a categoria de Vila no dia 05/09/1850 pela Lei Provincial nº10, desmembrando-se assim de Campina Grande. O Município foi criado definitivamente no dia 10/11/1904 através da Lei nº 215. Porém, até os dias atuais, a festa de emancipação política ainda acontece no dia 05 de Setembro, data que passou a condição de Vila. A respeito do conceito de Vila, Oliveira (2004, p. 35) afirma que:

representa uma dimensão político-administrativa, sendo esta uma pequena comunidade urbana dotada de “certa” autonomia no âmbito municipal, e formada territorialmente por freguesias (distritos eclesiásticos).

Após este breve relato sobre a origem do Município de Alagoa Nova, realizar-se-á uma descrição de seus aspectos socioeconômicos para entender a dinâmica do município em tela.

## 2.2– Aspectos sócioeconômicos

O município de Alagoa Nova (Figura 01) está localizado na Mesorregião do Agreste paraibano e na Microrregião do Brejo.

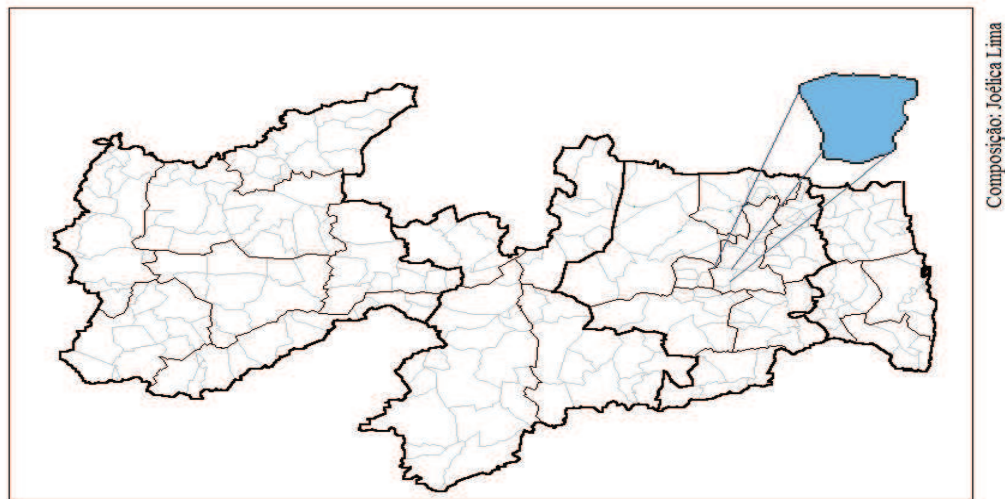


Figura 01: Localização do município de Alagoa Nova (PB).

Contando com uma altitude de 530m, possui belos cenários montanhosos, pois a sua topografia apresenta uma declividade acima de 45%, com um relevo muito acidentado, destacando-se as Serras: Beatriz, Boa Vista, Cascavel, Grande, Juá e Urucu. Os rios que cortam o município são Mamanguape, Riachão e Mandaú, estes embora tenham grande destaque, são temporários. A consequência desta conjuntura do relevo, são cenários naturais como cachoeiras, um exemplo é a da Boa Vista, que contribui para fomentar o ecoturismo.

Com um clima do tipo quente e úmido, e temperaturas que oscilam entre 18°C e 32°C, com média de 25°C, apresenta temperaturas que podem chegar aos 10°C no inverno, constituindo um clima bastante agradável e participando, assim, do Roteiro Caminhos do Frio, pois ultimamente o que vem se destacando como grande atrativo e crescimento econômico é o turismo em Alagoa Nova.

A cidade participa do CAMINHOS DO FRIO – Rota Cultural (Figura 02); trata-se de um projeto que inclui alguns municípios do Brejo Paraibano<sup>4</sup> com o intuito de promover o turismo e as atividades culturais das cidades envolvidas, aquecendo e dinamizando a economia local.

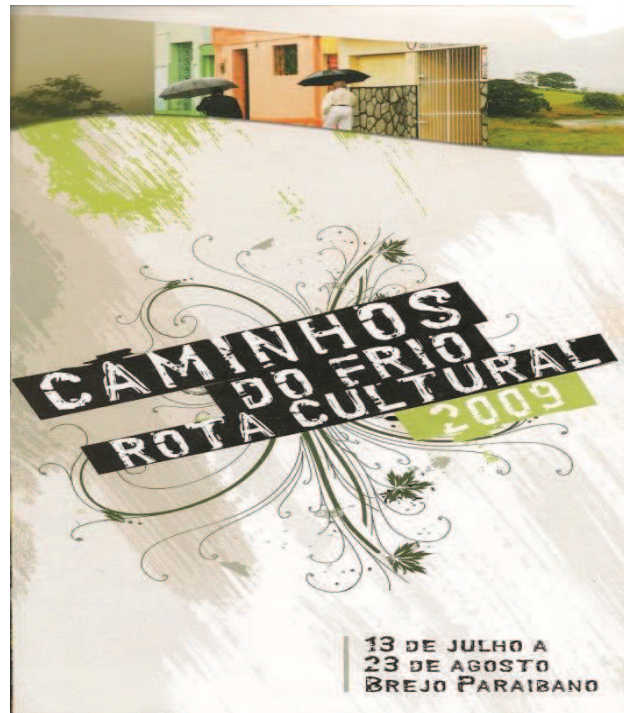


Figura 02: Folder da Festa dos Caminhos do Frio – Rota Cultural.

Este evento acontece nos municípios brejeiros da Paraíba, tornando-se um atrativo turístico, aquecendo e dinamizando a economia local. Fonte: Prefeitura Municipal de Alagoa Nova (Material de Divulgação).

Este projeto fortalece a identidade do Brejo paraibano (Figura 03), promovendo o desenvolvimento cultural, econômico e social, tendo em vista que atualmente o turismo é visto como um dos grandes impulsionadores da economia. Diante do exposto, as atividades elencadas para serem exercidas neste projeto têm o intuito de evidenciar nas múltiplas escalas – local, estadual, regional e nacional - a produção cultural diversificada existente nos diversos municípios envolvidos neste projeto, com destaque para Alagoa Nova, recorte espacial deste trabalho, unindo a esta questão, dentre outras, a geração de empregos.

<sup>4</sup>O Brejo Paraibano é uma microrregião, que pertence à mesorregião do Agreste Paraibano onde estão localizados os respectivos municípios: Alagoa Nova, Alagoa Grande, Areia, Bananeiras, Pilões e Serraria. Salientamos que os municípios de Borborema e Matinhas não participam deste projeto.

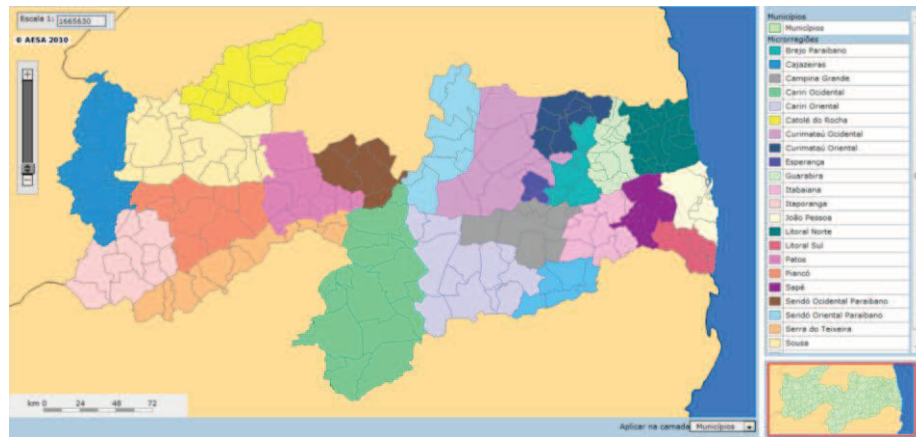


Figura 03: Mapa com as microrregiões da Paraíba, inclusive a do Brejo paraibano. Fonte: AESA

Durante a realização do evento no município, acontece na cidade em tela a Festa da Galinha e da Cachaça (Figura 04), onde são realizadas diversas oficinas como: Oficina de Ecoturismo, Oficina de Dança da Melhor Idade, Oficina de Gastronomia, dentre outras; além da apresentação de *shows* musicais, espetáculo teatral e exibição de filmes.

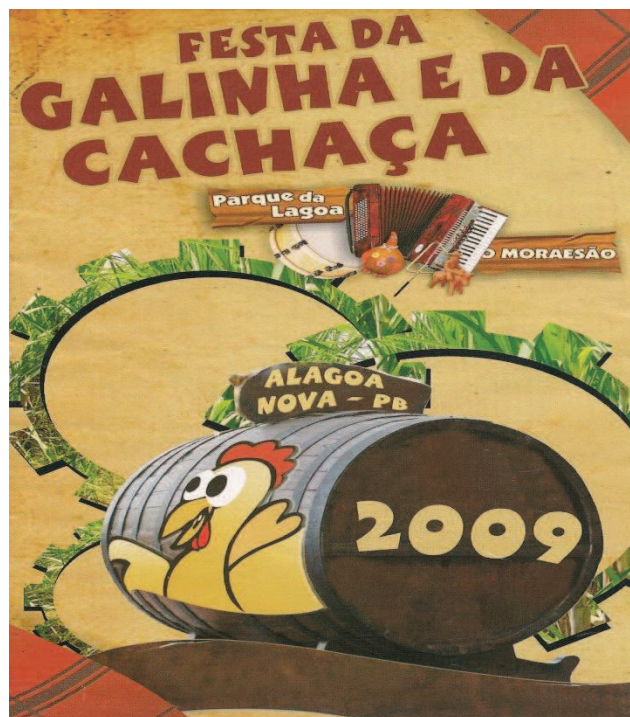


Figura 04: Folder da Festa da Galinha e da Cachaça.

O evento ocorre anualmente no Município de Alagoa Nova, realizado pela Prefeitura Municipal e pelo Projeto Caminhos do Frio. Fonte: Prefeitura Municipal de Alagoa Nova (Material de Divulgação).

A participação em todas estas atividades é gratuita para toda a população, onde ocorrem cavalgadas e trilhas ecológicas para diversas cachoeiras. Menciona-se a revitalização dos Engenhos de Cana - de - Açúcar com o roteiro Caminhos dos Engenhos, do Roteiro Integrado Civilização do Açúcar, envolvendo outros Estados como Pernambuco e Alagoas.

De acordo com o Censo do IBGE (2010), Alagoa Nova possui 19. 686 habitantes, sendo deste total 9. 764 (49, 60%) homens e 9. 992 (50, 40%) mulheres. Esta população está distribuída em 9.797 (49,77%) habitantes morando na zona urbana e 9. 889 (50, 23%) habitantes morando na zona rural.

Para poder garantir o “sustento” de toda esta população, o município conta com diversas atividades econômicas, mas sempre se destacou com a agricultura, porém continua dependendo de um bom período chuvoso, visto que os agricultores não dispõem de subsídios financeiros ficando, assim, a agricultura para a subsistência. Os principais produtos cultivados são feijão, milho e mandioca.

Quanto à fruticultura, sua atividade consiste na negociação dos produtos em outros municípios, principalmente com o de Campina Grande. As principais frutas que são comercializadas são a banana, a manga e a laranja. Desenvolve também outras atividades econômicas como a pecuária, com ênfase para a criação bovina, que se tornou um apoio econômico para o pequeno agricultor.

As matas nativas foram bastante exploradas desde que se começou a se expandir as lavouras e quando se iniciou o investimento na pecuária, principalmente a bovina, sendo necessário ampliar as pastagens. Os tipos de cobertura vegetal que se destacam são as capoeiras, as pastagens (natural ou artificial) e as lavouras (temporárias ou permanentes).

Inicialmente, foi introduzida a cana-de-açúcar, no qual os engenhos eram movidos por tração animal e nestes engenhos se produziam açúcar, rapadura e cachaça, dentre outras<sup>5</sup>. Atualmente, existem poucos engenhos que se modernizaram (Figura 05). O que está ocorrendo é que há um incentivo por parte do poder público em suas distintas esferas – Federal, Estadual e Municipal - e privado, com o Projeto Caminhos dos Engenhos do Roteiro

---

<sup>5</sup> Neste período Alagoa Nova teve sua glória, com a cultura da cana e seus engenhos fabricando muitos derivados, porém o avanço tecnológico dificultou a permanência da cultura canavieira.



Integrado Civilização do Açúcar, que tem como objetivo a visita a engenhos, que por muito tempo, movimentaram a economia regional.

Hodiernamente, o município conta com a indústria calçadista São Paulo Alpargatas, que se transformou em uma das fontes de maior importância para a economia local, por empregar diretamente várias pessoas e contribuir significativamente para a educação, já que desenvolve em parceria com a Prefeitura Municipal local, projetos educacionais e realiza a reforma das escolas. Outra atividade em destaque é o artesanato, onde as bordadeiras se organizam em cooperativas no centro artesanal, movendo a economia e mostrando seus serviços, divulgando a qualidade do trabalho em equipe conforme afirma Souza (2010, p. 56):

a partir dessa idéia é que podemos reafirmar a força dessa cooperativa para o fortalecimento das atividades das bordadeiras, para o desenvolvimento econômico, mas também social desse grupo. Podemos observar isto na valorização destas mulheres por estarem recebendo por suas produções.



Figura 05: Destilaria Macaíba, localizada na área rural da cidade.

Após o processo de modernização houve um aumento da produção de aguardente. Fonte: Sheila Almeida, janeiro de 2011.

Por estas razões fica evidenciada esta atividade artesanal como fonte não só de recursos econômicos, mas também como um meio de reconhecimento para um trabalho tão valioso.

Mesmo sendo um município que passa por transformações econômicas em prol da qualidade de vida de seus habitantes, ainda há muitos obstáculos a serem superados. Com o intuito de solucionar, ao menos em parte, os problemas detectados – saúde, educação,

saneamento básico, fornecimento de água, dentre outros, os moradores, tanto da zona urbana como da zona rural, se unem em Associações. São pessoas que buscam sempre maneiras de superar as dificuldades e também encontram formas alternativas de diversão, como a lagoa da cidade que é local de encontros entre amigos (Figura 06), tem também o Moraesão, local de eventos como: festas populares, *shows* musicais - onde se apresentam atrações locais, regionais e nacionais – apresentação de sarau<sup>6</sup> pelos alunos, dentre outros.



Figura 06: Lagoa da cidade, local de diversão.

Ponto utilizado para encontros e atividades físicas. Fonte: Sheila Almeida, abril de 2011.

Diante do exposto, foi possível compreender, através de uma abordagem histórica e socioeconômica, as metamorfoses das diferentes paisagens do município de Alagoa Nova, localizada no Brejo paraibano e, através da percepção do espaço vivido os alunos puderam construir o conceito de paisagem, pois é de grande relevância o reconhecimento do lugar para a formação do conceito anteriormente mencionado.

---

<sup>6</sup> Evento cultural que envolve leituras de livros, danças e poesias.

**CAP. 3 – ESTUDO DA PAISAGEM E A CONSTRUÇÃO DO SABER GEOGRÁFICO  
NA ESCOLA MUNICIPAL ESPÍRITO SANTO, ALAGOA NOVA – PB**



Para poder atingir o objetivo de compreender as definições dos alunos referente a proposta deste trabalho, que é de entender como os alunos do 3º ao 5º ano da Primeira Fase do Ensino fundamental entendem a Geografia e o conceito de paisagem, este capítulo estrutura-se, primeiramente, na análise da necessidade de se construir conceitos junto aos alunos, logo em seguida, far-se-á uma reflexão a respeito da trajetória da Geografia escolar enquanto disciplina.

Faz-se necessário também descrever o quadro da educação no município de Alagoa Nova - fazendo uma abordagem das classes multisseriadas – abordando os aspectos socioeconômicos do Sítio Ribeiro e descrevendo a E. M. Espírito Santo, para poder ter subsídios para a análise da pesquisa.

### **3.1 A importância da significação dos conceitos**

“muitas vezes são as crianças, menos aculturada em significados convencionais, que podem ser o melhor estímulo para recuperar os significados codificados na paisagem”

Denis Cosgrove (1998, p. 109-110)

O mundo de hoje não permite fronteiras, graças ao advento das tecnologias, ocasionando a homogeneização dos espaços com a soma das diversas culturas. Para entender todas estas mudanças é preciso buscar teorias que não apenas envolvam, como também possam intervir na realidade da organização espacial, conectando na ciência geográfica a teoria com a prática.

Diante do exposto, é necessário a construção de um elo que possa unir os anseios esperados pelos alunos com a oferta de conteúdos apresentados nos currículos das instituições escolares, pois é tarefa da mesma promover para o aluno, através de seus projetos, uma formação voltada para entender o quadro de metamorfoses pelo qual passa a sociedade.

Para se alcançar estes objetivos, a Geografia enquanto disciplina escolar tem que formar conceitos. Segundo Cavalcanti (2008, p. 36):

para que o aluno aprenda geografia não apenas para assimilar e compreender as informações geográficas disponíveis (que são importantes em si mesmas), mas para formar um pensamento espacial, é necessário que forme conceitos geográficos abrangentes (...) esses conceitos são ferramentas fundamentais para a compreensão dos diversos espaços, para a localização e a análise dos significados dos distintos

lugares e de sua relação com a vida cotidiana. O desenvolvimento do pensamento conceitual, que permite uma mudança na relação do sujeito com o mundo, que proporciona ao sujeito generalizar suas experiências, é papel da escola e das aulas de geografia. No entanto, sabe-se que os conceitos não se formam na mente do indivíduo por transferência direta ou por reprodução de conteúdos. Nesse processo é preciso considerar os conceitos cotidianos dos sujeitos envolvidos.

Assim, pode-se entender como se deve orientar uma nova proposta no ensino da Geografia, destacando a importância dos conceitos, que devem abordar a realidade, para que os alunos compreendam a espacialidade do local ao global, pois o ensino atual de Geografia “procura desenvolver no aluno a capacidade de observar, analisar, interpretar e pensar criticamente a realidade, tendo em vista a sua transformação” (OLIVEIRA, 1991, p.141). Deste modo, esta ciência se propõe a desenvolver em sala de aula, uma atitude crítica por parte dos alunos para com sua realidade, através da formação de conceitos na instituição escolar. Sobre a questão em tela, prossegue Cavalcanti (2002, p. 15):

o desenvolvimento do pensamento conceitual, que permite uma mudança na relação cognoscitiva do homem com o mundo, é função precípua da escola, embora não seja a única. Considerando que um conceito não se forma ou se constrói na mente do indivíduo por transferência direta, ou por assimilação reprodutiva, as indicações para a formação de conceitos no ensino, na linha de uma didática histórico-crítica, recomendam o confronto de conceitos científicos e conceitos cotidianos.

O mais importante é que os alunos possam construí-los, pois eles irão unir os seus conhecimentos/conceitos cotidianos aos científicos, detendo totalmente a realidade no processo de ensino-aprendizagem, construído pelo aluno (sujeito ativo), através da mediação do professor, pois:

o professor deve deixar de dar os conceitos prontos para os alunos, e sim, juntos, professores e alunos participarem de um processo de construção de conceitos e de saber. Nesse processo, o professor deixa de ser um mero transmissor de conhecimentos e o aluno mero receptáculo do saber (OLIVEIRA, 1991, p. 140).

Fica evidente que não é só considerar a realidade do aluno como também se deve ponderar sobre a do professor, deve-se levar em conta toda a realidade dos agentes que compõem o conjunto do saber, sejam eles educadores, alunos ou a própria instituição – que traz em sua composição física e ideológica aspectos da comunidade na qual está inserida.

Durante a construção dos conceitos - envolvendo todos os agentes - acontecerá a ligação entre a realidade e os conhecimentos científicos. Mas tem-se que pensar que vai ser preciso,

primeiramente, fazer algumas alterações, principalmente no que tange a formação docente, pois “uma das medidas para se produzirem alterações e/ou ampliações de representações de conceitos geográficos dos alunos é um investimento maior na formação dos profissionais da 1ª fase” (CAVALCANTI, 2006, p. 73).

Confirmando-se com isto a importância dos conceitos no processo de ensino/aprendizagem, bem como na formação intelectual dos alunos, pois conceituar é compreender a realidade e poder mudá-la quando preciso, sendo uma intervenção consciente através da mediação da instituição escolar, pois:

quando a vida da escola considera, de fato, a sociedade que nela se reflete e direciona-se no sentido da transformação social, não existe a distância entre indivíduo (aluno) e meio (sociedade ou grupos sócio-culturais) (VEIGA, 1991, p. 122).

Por isso se nota o valor da instituição escolar como lugar de formar verdadeiros cidadãos, de promover o encontro dos conhecimentos populares com o conhecimento erudito, formando conceitos que considerem antes de tudo a representação social dos alunos.

Destarte, se entende que para a formação de conceitos, deve-se saber que as pessoas envolvidas no processo de construção do conhecimento já trazem consigo representações sociais, pois estas não são apenas reproduções, são também o que os indivíduos criam de representações já concebidas. Diante disto, Cavalcanti foi muito objetiva ao afirmar em seu livro *Geografia, Escola e Construção de Conhecimentos* (2006), que para se construir conceitos se faz preciso ações como:

- ✓ Propiciar atividade mental e física dos alunos;
- ✓ Considerar a vivência dos alunos como dimensão do conhecimento;
- ✓ Estabelecer situações de interação e cooperação entre os alunos;
- ✓ Contar com a intervenção do professor no processo de aprendizagem dos alunos;
- ✓ Manter relação dialógica com os alunos e entre os alunos;
- ✓ Promover auto-reflexão e sociorreflexão dos alunos;
- ✓ Apresentar informações, conceitos e exercitar memorização de dados;
- ✓ Acompanhar e controlar resultados da construção de conceitos pelos alunos.

Diante do exposto, os conceitos vão desenvolver uma atitude nos educandos de mudança de suas ações para com o meio, onde este:

não é, nem pode ser, apenas objeto de estudo distante da escola e do pesquisador. É a sua própria realidade, o seu mundo, ‘onde se vive’ e onde a escola existe, é a sociedade que se deseja transformar, conforme o significado atribuído aos problemas detectados (VEIGA, 1991, p. 126).

Portanto, é na incessante procura por novos modos de ensino que se encontra a maneira correta de se relacionar ensino/aprendizagem com realidade vivida, com espaço onde a escola se insere e deve ser atuante.

### **3.2- Trajetória da geografia escolar**

Pode-se afirmar, com certeza, que a Geografia começa a se fazer desde que o ser humano começa a interferir na natureza, com o intuito de retirar dela o seu sustento, de buscar no meio natural o que carece para a sua sobrevivência. Não se pode demarcar com precisão o tempo em que acontecem as descrições geográficas, pois é muito antiga a prática de se “fazer geografia”, “os gregos fizeram descrições geográficas sob as designações de périplos, períodos e periegis antes que o nome geografia tivesse sido utilizado. Entretanto, o nome atual tem mais de dois mil anos de idade” (CORRÊA; ROSENDAHL, 1998, p. 16).

Mas a Geografia emerge como disciplina escolar desde o final do século XIX, porém qual o seu papel enquanto ciência e disciplina - dentro e fora da sala de aula?

Será que a Geografia é capaz de fornecer subsídios para a compreensão de todas as mudanças de ordem econômica, social, cultural e até ambiental por qual passa o nosso planeta? Usando os conceitos geográficos de maneira correta pode-se desvendar muito da relação sociedade versus natureza, como se deu o processo de ocupação do ser humano no espaço, suas causas e conseqüências. Mas, por muito tempo houve um grande desafio quanto ao que seria o objeto de estudo desta ciência devido ao fato de ser muito amplo o seu campo de abordagem, Sauer (1998, p. 14) coloca que:

A discordância no que diz respeito ao conteúdo da geografia é tão vasta que três campos distintos de questionamentos são geralmente designados como geografia:

- 1) o estudo da superfície da Terra como meio dos processos físicos, ou a parte geofísica da ciência cosmológica;
- 2) o estudo das formas de vida como sujeitos ao seu ambiente físico, ou uma parte da biofísica lidando com tropismos;
- 3) o estudo da diferenciação de área ou corologia.

Corrêa (1987, p. 51) afirma que “na discussão sobre a natureza da geografia, a questão mais central, persistente e polêmica é a de seu objeto de estudo”. No entanto, sabendo que esta tem como elemento de estudo a sociedade, o que a iria diferenciar das demais ciências, pois estas também estudam a sociedade? O referido autor continua afirmando que “a objetivação do estudo da sociedade pela geografia faz-se através de sua organização espacial” (*op cit*, 1987, p. 52), portanto, conclui-se que o que interessa para a Geografia enquanto ciência e como disciplina é a organização do espaço, este sendo reflexo da sociedade inserida e do contexto histórico vigente.

Pode-se afirmar que o intuito da ciência geográfica é justamente proporcionar, para os alunos e a todos que desejam uma melhor compreensão do espaço, um leque de informações para poder decifrá-lo, pois:

a geografia não se limita à observação e à descrição do visível, ainda que parta dela, mas pretende compreender a natureza do conjunto dos elementos constitutivos do âmbito que, com certa impropriedade, se denomina superfície terrestre (BOBEK, SCHNITHIISEN, 1998, p. 75).

Conforme se pode observar, agora a Geografia objetiva a sociedade via a sua forma de organizar-se no espaço e corroborando com este desígnio prossegue Corrêa (1995, p.16):

como toda a ciência a geografia possui alguns conceitos-chave, capazes de sintetizarem a sua objetivação, isto é, o ângulo que confere à geografia sua identidade e sua autonomia relativa no âmbito das ciências sociais. Como ciência social a geografia tem como objeto de estudo a sociedade que, no entanto, é objetivada via cinco conceitos-chave que guardam entre si forte grau de parentesco, pois todas se referem a ação humana modelando a superfície terrestre: paisagem, região, espaço, lugar e território.

Tendo em vista que a tarefa da Geografia é a organização do espaço, sua missão fica ainda mais complexa após todas as mudanças por qual passa a sociedade. Porém, mesmo se declarando ser o espaço o objeto de estudo, esta ciência não consegue se destacar entre as demais, é como se não houvesse relação com a vida real, o espaço estudado torna-se abstrato, “de todas as disciplinas ensinadas na escola, no secundário, a Geografia é a única a parecer um saber sem aplicação prática fora do sistema de ensino” (LACOSTE, 2005, p.33), isto se deve muito ao fato da memorização do ensino, no qual colocou esta ciência “no rol das matérias decorativas” (CARVALHO, 2004, p. 29).

O que também ajudou para esta repulsa quanto à disciplina de geografia foram fatores como “as inextrincáveis relações entre a escola, o ensino de geografia e a construção do Estado-nação brasileiro (...) desde o início do século XIX” (VLACH, 2004, p. 188), que atribuiu forte nacionalismo patriótico:

a Geografia escolar tem uma história conhecida, vinculada à constituição dos Estados-nações. Essa história a coloca como parte do discurso de formação de uma cultura nacional (uma estratégia para conectar a experiência cotidiana com um destino nacional, justificando essa experiência pelo projeto da nação, ou necessidade de formar um território). A Geografia na escola é uma construção social e histórica, ela não é natural, nem são naturais os conteúdos por ela trabalhados (CAVALCANTI, 2002, p. 73).

Era necessário decorar nomes de rios, de cidades, etc., pois esta não passava “de uma disciplina escolar e universitária, cuja função seria a de fornecer elementos de uma descrição” (LACOSTE, 2005, p. 21). Corroborando com o assunto, Oliveira (1991, p. 135) afirma que o trajeto da disciplina tem sido “uma história de valorização dos grandes projetos governamentais (...) Definir e produzir uma ‘ideologia patriótica e nacionalista’ tem sido o papel do ensino de geografia na escola”.

Também não se pensava no espaço como um produto da ação humana, nota-se assim um grande erro, ainda mais quando se sabe que “a organização espacial é o resultado do trabalho humano acumulado ao longo do tempo” (CORRÊA, 1987, p. 60). Participando deste debate Oliveira (1991, p. 138) nos afirma que:

o resultado de tudo isto foi uma qualidade de ensino que deixa muito a desejar. Alunos e professores têm sido uma espécie de vítimas desse processo. A geografia que se ensina e se aprende não os motiva mais e, seguramente, está muito longe de suas reais necessidades. A geografia foi perdendo aquilo que de especial ela sempre teve – discutir a realidade presente dos povos, partindo particularmente no que se refere a seu contexto espacial.

A sociedade através das relações sociais acaba por imprimir na natureza suas marcas e a geografia tendo em vista a sua tarefa de explicar esta organização renova teorias e metodologias com o intuito de se aprimorar para expor as mudanças por qual passa a sociedade, fazendo com que a instituição escolar incorpore novos currículos e busque por novos procedimentos de ensino.

Começa assim uma nova fase da geografia, que parte do princípio de levar em consideração os saberes prévios dos alunos, onde o papel do professor vai ser o de fazer um elo entre os conhecimentos científicos e os conhecimentos do cotidiano, transformando-se assim no mediador, tendo de considerar a realidade vivida do educando, fazendo o aluno se

ver como produto e ao mesmo tempo produtor deste espaço geográfico, pois “os seres vivos não são simples produtos de seu meio; tampouco são propriamente autônomos em relação a ele, mas podem, em maior ou menor grau, resistir e contrapor sua influência e acomodá-la às suas condições de vida” (BOBEK, SCHNITHIISEN, 1998, p. 80).

Mesmo com o desejo de tornar a Geografia uma verdadeira arma de revelação do espaço, parece que esta não tem significado nenhum, não tem serventia para a vida extraclasse, resultado de uma grande lacuna a ser preenchida, pois é grande a distância entre o intuito de renovação que acontece nas universidades e as práticas pedagógicas no Ensino Fundamental e Médio.

Muito mais além vai Lacoste (2005, p. 31), pois este afirma que existem duas Geografias desde o final do século XIX:

-uma, de origem antiga, a geografia dos Estados-maiores, é um conjunto de representações cartográficas e de conhecimentos variados referentes ao espaço; esse saber sincrético é claramente percebido como eminentemente estratégico pelas minorias dirigentes que o utilizam como instrumento de poder.  
-a outra geografia, a dos professores, que apareceu há menos de um século, se tornou um discurso ideológico no qual uma das funções inconscientes, é a de mascarar a importância estratégica dos raciocínios centrados no espaço. Não somente essa geografia dos professores é extirpada de práticas políticas e militares como de decisões econômicas (pois os professores nisso não têm participação), mas ela dissimula, aos olhos da maioria, a eficácia dos instrumentos de poder que são as análises espaciais. Por causa disso a minoria no poder tem consciência de sua importância, é a única a utilizá-las em função dos seus próprios interesses e este monopólio do saber é bem mais eficaz porque a maioria não dá nenhuma atenção a uma disciplina que lhe parece tão perfeitamente “inútil”.

Então, se percebe, onde se encontra o “problema” da Geografia. Será que esta não tem sentido em relação a demonstrar as práticas? Podemos afirmar que a Geografia pode dizer muito sobre as relações e práticas da sociedade exercidas sobre o espaço. Para Claval (2010, p. 8) a geografia:

é na verdade uma coisa bem diferente (...) a geografia está presente nas práticas, nas habilidades, nos conhecimentos que todos sempre mobilizamos em nossa vida diária, nos preceitos que os governos observam para dirigir seus países ou nos procedimentos aos quais recorrem os empreendedores para conceber, fabricar e divulgar os bens que eles produzem e vendem.

A grande diferença é que, em se tratando dos elementos estudados – relevo, clima, população, etc., a minoria que detém o poder sabe muito bem para que serve o conhecimento destes elementos, enquanto professores e alunos, não têm idéia da serventia do que estão estudando.

Com isto observamos que há uma grande necessidade de se investir na formação docente, pois o que contribui para a abstração do discurso geográfico é a falta de subsídios na formação deste profissional, é como se este ainda não estivesse percebendo a grande aliada que ele tem em mãos, pois esta disciplina oferece grandes contribuições em relação a todas as dimensões do espaço, principalmente no que tange a sua organização.

Isto tudo leva-se a perguntar: Por que essa distancia tão grande entre a realidade vivida e os conteúdos estudados? Por que é que, esta disciplina não encanta aos alunos e muitas das vezes também aos professores que a ministram? Uma das possíveis respostas é que o professor não tem nenhuma participação na construção do conhecimento, já recebe o saber pronto, posto nos livros didáticos, e, por ter que ensinar numa jornada de trabalho muito grande, devido a remuneração salarial ser muito baixa, acaba apenas reproduzindo o que se encontra nos livros, já que muitas vezes trabalha em péssimas condições.

Permanecendo assim os conteúdos sem brilho para os alunos até mesmo quando se tenta evitar a memorização, isto por se tratar de uma realidade distante, tirando com isto da ciência geográfica o que de mais belo ela tem, pois a geografia escolar tem de se colocar como “uma mediação importante da relação dos alunos com o mundo” (CAVALCANTI, 2008, p. 35). O que se ver é que o ensino exige, então, apenas que, professores e alunos somente reproduzam e não produzam o conhecimento geográfico ainda mais quando se diz respeito a questionarem sobre verdades impostas.

Mesmo quando não há a memorização, o espaço continua sendo abstrato, mas há de se reconhecer que muitas coisas já estão acontecendo, mesmo que em um ritmo lento, pois agora já se procura fazer ligações entre os elementos físicos com os humanos e que há uma busca constante em primeiramente se colocar as experiências do aluno e do professor como ponto de partida para o ensino.

Só assim pode-se demonstrar com clareza o real poder que tem esta disciplina, de oferecer meios pra que se possa não só compreender como também intervir no espaço geográfico, impresso das relações sociais dos diferentes tempos históricos, destarte, “dissimular a idéia de que o saber geográfico pode ser um poder, que certas representações do espaço podem ser meios de ação e instrumentos políticos” (LACOSTE, 2005, p. 35). Deste modo, a geografia configura-se numa disciplina que mostra os anseios da sociedade ainda mais “por se acreditar que a equipe escolar possa desempenhar uma ação decisiva na busca de alternativas para a qualidade de ensino” (VEIGA, 1991, p. 118), desvendando como acontecem as relações de poder que acabam por modificar a estrutura da sociedade.



### 3.3- Educação em Alagoa Nova: uma breve análise

Sempre houve um grande interesse por parte da população alagoanovense em investir na educação de seus filhos, pois mesmo antes de haver instituições no próprio município, era grande o número de alunos que estudavam nos colégios da cidade de Campina Grande e João Pessoa. Mas no município de Alagoa Nova havia o Educandário Eptácio Pessoa, administrado pelo Professor Clodomiro Leal, responsável por ensinar os fundamentos dos conhecimentos necessários para os alunos do município irem aos grandes colégios.

Havia no município escolas privadas, não só na zona urbana como também na zona rural, como exemplo menciona-se a renomada Escola do Professor Nogueira, mas as aulas aconteciam nas próprias casas dos professores e não tinham como oferecer uma estrutura que permitisse aos alunos um bom aprendizado.

Até o ano de 1945, havia um prédio que era destinado às aulas públicas, as “Escolas Reunidas” era um edificio bem construído. No entanto, o número de alunos matriculados aumentou e o recinto já não suportava o total de estudantes e, assim, em Agosto de 1945, na administração do Prefeito Arlindo Colaço, foi inaugurado o Grupo Escolar Professor Cardoso.

Segundo a Secretaria de Educação Municipal, Alagoa Nova conta, atualmente, com 44 Escolas e um total de 3550 alunos. O órgão em tela desenvolve vários projetos que visam melhorar o desempenho em todas as dimensões dos alunos e, para isto, conta com o apoio do Instituto Camargo Corrêa e das Alpargatas, com destaque para os Projetos Jornal Escolar e Pró-Biblioteca<sup>7</sup>.

Com relação ao Projeto Jornal Escolar, a idéia surgiu a partir das atividades desenvolvidas por alunos de Fortaleza, em 1995, onde se iniciou o projeto anteriormente citado, com o intuito de mostrar desenhos, pesquisas ou redações feitas pelos alunos, e fazer estas atividades circularem na comunidade escolar local, para serem vistas por todos. Isto tudo unido a uma grande função social que é a escolha dos temas que sejam inerentes a realidade dos alunos e, principalmente, considerar as suas opiniões, pois os mesmos relatam as práticas

---

<sup>7</sup>Nota-se no período atual um grande empenho do poder público na busca por uma melhor estrutura física e por capacitações que deixem os professores do município em tela interligados com a realidade e principalmente com as necessidades do alunado.

cotidianas, com isto, a escrita deixa de ser algo imposto, sem prazer, para ser um momento de encanto onde eles podem expressar suas ideias.

Em Alagoa Nova, o projeto destacado anteriormente foi implantado paralelamente a outros municípios como o de Campina Grande, Mogeiro, Ingá, Guarabira e Serra Redonda, através do Programa Escola Ideal, uma iniciativa dos Institutos Camargo Corrêa e das Alparagatas, abrangendo um total de 127 escolas paraibanas, que movem a comunidade escolar para a publicação das atividades dos alunos; é um trabalho com cerca de quatro páginas desenvolvidas pelos alunos do 1º ao 5º ano, mediadas por seus professores e com temas que despertam o interesse de todos os envolvidos.

Quanto ao Pró-Biblioteca, que também é um programa que surgiu da união entre os institutos citados anteriormente, ele visa o estímulo à leitura não só para os estudantes, mas para a comunidade escolar, para que todos sintam prazer ao ler diferentes gêneros textuais (cordel, poemas, contos, piadas, dentre outros), pois é através da leitura prazerosa, que todas as crianças e a comunidade das Escolas Públicas incluem não só o seu espaço vivido, mas articulam outras leituras que possibilitem a ampliação de visão de mundo.

### **3.3.1 As classes multisseriadas: uma análise da realidade no Sítio Ribeiro**

As classes multisseriadas aparecem como opção para aqueles locais onde tem poucos alunos e não há como manter mais de um professor, assinalando a crise em que se encontra a educação brasileira. Geralmente, as classes em relevo estão situadas na zona rural, onde a densidade de alunos do 1º ao 5º ano é baixa. São caracterizadas pela grande heterogeneidade quanto à faixa etária e a aprendizagem, pois os conhecimentos e as habilidades variam muito de aluno para aluno.

Para poder alcançar os objetivos que se almejam, faz-se necessário que o aluno seja o sujeito ativo de seu próprio processo de aprendizagem, através de alguns procedimentos como pensar, reivindicar, comparar, analisar, etc., pois o que leva muitas vezes ao fracasso de alguns na escola é justamente o fato de que estes estão distantes do processo de construção do conhecimento, posto que os programas educacionais são abstratos, não fazem relação nenhuma com o cotidiano, com a comunidade do aluno e, outra questão a ser analisada é o livro didático, que além de não tratar da realidade do aluno é como se não precisasse de

nenhuma intervenção, porque não contempla os conhecimentos relacionados à comunidade, ao meio rural em que estão situadas as classes em tela.

É preciso que o professor faça sempre inovações em suas aulas, pois é grande a heterogeneidade presente neste tipo de sala, exigindo “a promoção de ensino ativo, a participação, o pensamento crítico, a criatividade, o trabalho cooperativo e a educação personalizada, capaz de satisfazer a diferentes ritmos de aprendizagem e características individuais” (LÉON, 2004, p. 25-26), onde cada aluno constitui uma realidade distinta. Por isso a importância em se conhecer bem o aluno e o meio em que ele está inserido, para poder construir um currículo de acordo com o esperado e, sobretudo com o que é preciso, pois cada comunidade rural vai oferecer características diferentes, o que impõe mudanças à prática pedagógica para o bem estar dos alunos e o seu meio.

Mas é justamente aí que reside o problema, pois na maioria das vezes a renovação acontece no âmbito acadêmico, e não há um elo entre universidade e escolas de nível fundamental e médio, ficando as propostas de mudanças restritas às universidades, dificultando o que se almeja, a qualidade do ensino. Participando deste debate BRASIL (1997, p. 72-73) nos afirma que:

a rápida incorporação das mudanças produzidas pelo meio acadêmico provocou a produção de inúmeras propostas didáticas, descartadas a cada inovação conceitual e, principalmente, sem que existissem ações concretas para que realmente atingissem o professor em sala de aula, sobretudo o professor das séries iniciais que, sem apoio técnico e teórico, continuou e continua, de modo geral, a ensinar geografia apoiando-se apenas na descrição de fatos e ancorando-se quase que exclusivamente no livro didático.

Para poder se atingir os requisitos desejados para que numa turma anteriormente citada compreenda o que de fato é estudar Geografia, é preciso superar obstáculos, pois se necessita de uma renovação em todos os níveis para que se revelem as formas de se descobrir o espaço em suas diferentes formas. Como a turma tem características heterogêneas de idade e de conhecimento, é tarefa do professor selecionar os conteúdos, que tenham relevância política e social, para provocar nos alunos uma reflexão crítica, que os tornem cidadãos em potencial.

O professor, deste modo, deve apresentar situações em que os alunos se aproximem das categorias de análise da Geografia – espaço, paisagem, território, lugar e região, fazendo-os compreender o seu espaço vivido e relacionando-o com o global, pois o lugar é carregado de

subjetividade do educando e isto é muito importante para o processo de aprendizagem, ainda mais quando se está falando da primeira fase do ensino fundamental e de uma turma multisseriada que necessita ainda mais de apoio. No que diz respeito a como fazê-los entender quais os “motivos e técnicas pelas quais sua coletividade e a sociedade de forma geral transformam a natureza: por meio do trabalho, da tecnologia, da cultura e da política, no passado e no presente” (BRASIL, 1997, p. 91). A transformação da natureza ocasiona o surgimento das diferentes paisagens e que estas revelam toda a subjetividade e objetividade do ser humano para com o meio.

### 3.3.2 Sítio Ribeiro: uma breve apresentação

A Escola Municipal Espírito Santo, objeto de estudo e recorte espacial, fica situada no Sítio Ribeiro (Figura 07) do Município de Alagoa Nova – PB. O sítio dista 7 km da sede do município, ele limita-se ao norte com o Sítio Caldeirões, ao sul com o Sítio São Tomé, ao leste com o sítio Lagedo e a Oeste com o Sítio Carrasco. Através de relatos de pessoas mais antigas da comunidade, a denominação de Ribeiro, é devido à existência de um riacho que atravessa a comunidade.

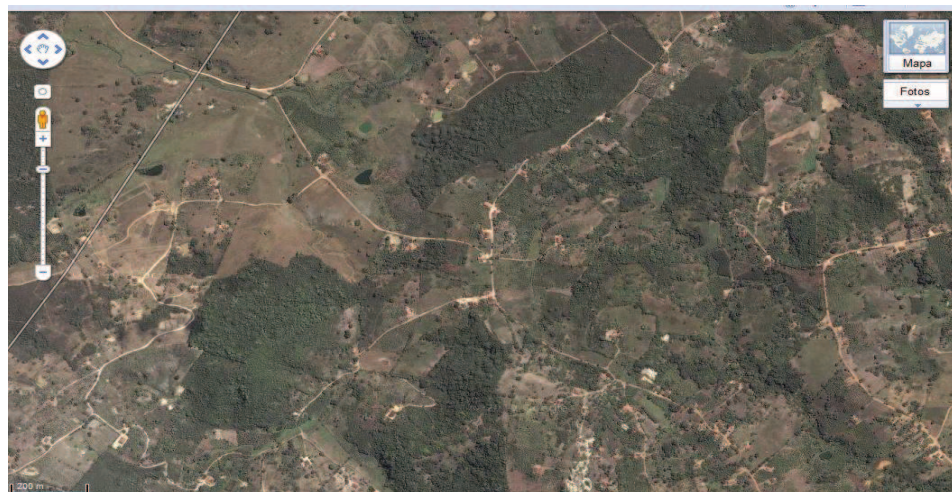


Figura07: Imagem do Sítio Ribeiro. Fonte: Google Mapas

A população ribeirense é originária basicamente de três famílias tradicionais: Oliveira, Juvino e Correia. Atualmente, tem 215 habitantes, distribuídos em 62 famílias que se mantêm dos programas governamentais e das atividades econômicas exercidas no próprio sítio, como

a agricultura e a fruticultura – devido seus solos serem bastante férteis e contar com temperaturas amenas.

A economia local foi movimentada, durante muito tempo, pelo plantio da mandioca para a fabricação de farinha, pois havia no sítio quatro “casas de farinha” que funcionavam constantemente, mas que com o avanço das técnicas, estas não conseguiram competir com as casas de farinhas mecanizadas. Dentre todas que havia no sítio, atualmente só uma funciona esporadicamente. Também teve destaque na economia local, a plantação de agave, onde os trabalhadores “puxavam a fibra” da planta para venderem e em uma residência havia até a fabricação de cordas. Porém, as atividades em destaque entraram em declínio com a mudança da atividade agrícola, pois ocorreu uma expansão do comércio de frutas cítricas, rendendo mais aos pequenos produtores investirem no cultivo da laranja e do limão para venderem para outros municípios – Esperança, Campina Grande, Queimadas, dentre outros.

Atualmente, a economia está voltada para a agricultura e o comércio nas feiras livres, mas os subsídios oferecidos pelo governo aquecem e dinamizam a economia do sítio - aposentadoria e programas sociais como o Bolsa Família. Com relação à agricultura, são de grande ênfase os sítios agroecológicos, com destaque para a plantação de verduras (Figura 08), onde os produtos são vendidos em diversos municípios que têm feiras com produtos sem agrotóxicos. Há também as culturas de feijão, milho, manga, banana, limão, laranja, mamão, entre outros, que atendem tanto à alimentação como ao comércio.



Figura 08: Sítio agroecológico com a plantação de verduras.

Em função da preocupação com a questão ambiental há uma maior conscientização da população local quanto ao uso de agrotóxicos. Fonte: Sheila Almeida, janeiro de 2011.



Para conseguirem seus objetivos enquanto agricultores e com o intuito de se desenvolverem, a comunidade possui uma associação, conhecida como Associação dos Pequenos Produtores Rurais do Sítio Ribeiro e Adjacentes – APPRRA (Figura 09), fundada em 07/04/1998 e que conta atualmente com 187 sócios.

Salientamos, no entanto, que nem todos os sócios são do Sítio Ribeiro, tendo pessoas de até outros municípios, como exemplo, mencionamos Esperança e Campina Grande, mas estes têm propriedades rurais no respectivo sítio. Assim, é grande a área de abrangência das decisões tomadas neste estabelecimento, já que em suas reuniões são colocadas questões de interesses não só da população local como também dos sítios vizinhos.



Figura 09: Associação dos Agricultores do Sítio Ribeiro. Fonte: Sheila Almeida, janeiro de 2011.

No âmbito religioso, é reconhecida como uma comunidade que sempre manteve viva a fé e a tradição cristã, todos participam de uma igreja católica (Figura 10), que sempre faz as celebrações e busca ações para a realização de um verdadeiro cristão, através de projetos sociais como doação de alimentos e de roupas.



Figura 10: Igreja Católica Nossa Senhora da Conceição.

Celebração campal no dia de sua padroeira. Fonte: Sheila Almeida, dezembro de 2010.

Deste modo, a igreja anteriormente citada faz parte da paisagem local sendo parte integrante da comunidade, onde se realizam celebrações e quermesse, missas e encontros, que reúne a população local em datas especiais - época junina com a realização de quadrilhas e no final do ano, sempre com confraternização durante o Natal e o Réveillon.

No que diz respeito à educação, destacamos que a maioria possui geralmente o Ensino Fundamental Incompleto, porém estes investem, principalmente, na educação de seus filhos. O Sítio Ribeiro se destaca por contar com uma população mais esclarecida, com acesso à universidade<sup>8</sup>. Os meios de comunicação mais utilizados são a televisão, o rádio, o telefone celular e em diversas casas já tem o uso da *internet*. E os meios de transportes usados são a moto e o carro.

Com relação ao lazer, o sítio conta com um pequeno campo, o “Netão” (o nome do campo é uma homenagem ao dono que doou o terreno - Neto), onde há semanalmente jogos de futebol (Figura 11) e que sempre promove torneios com times locais e de outros municípios. Têm também dois bares, conhecidos localmente como “budegas”, locais de encontros entre os amigos destacando, deste modo, o aspecto simbólico dos lugares.

---

<sup>8</sup> No sítio em destaque salientamos a presença de moradores que estudam nas universidades públicas e particulares – UEPB e UVA - de Campina Grande (PB)



Figura 11: “Netão”, campo de futebol em dia de jogo.

Este campo exerce também a função de encontro dos moradores locais. Fonte: Sheila Almeida, janeiro de 2011.

Como se observa na cultura nordestina, há uma grande expressão cultural voltada para o repente e o forró pé-de-serra tradicional, há no sítio um grupo formado por moradores que sempre se unem em festas familiares e animam estes eventos ao som da zabumba, da sanfona e do triângulo, carinhosamente chamada de “Banda Apagão” ( Figura 12), mas hoje se encontram em raros momentos.



Figura 12: “Banda Apagão”, composta por moradores locais.

Em uma de suas apresentações nas reuniões familiares, mostrando o tradicional forró pé-de-serra. Fonte: Sheila Almeida, janeiro de 2011.



Após as descrições postas sobre o município e do recorte espacial o Sítio Ribeiro, faz-se necessário, antes de prosseguir com o trabalho, fazer uma apresentação do ambiente de estudo.

### **3.3.3 Escola Municipal Espírito Santo: uma descrição do ambiente de estudo**

A questão da educação no Sítio Ribeiro se realiza mesmo antes de existir instituição escolar local; pois tinham pessoas que ensinavam em suas casas, a exemplo do “educador” Francisco Herculano. De grande destaque para a comunidade foi Sergio Correia, que doou um terreno em sua propriedade e fundou a primeira escola, conhecida como Escola Mista Rural, no ano de 1977, durante a administração do Prefeito Alípio Bezerra de Melo<sup>9</sup>.

A estrutura física da escola (Figura 13) em tela encontra-se em bom estado, pois no ano de 2009, a mesma passou por uma reforma, a primeira desde a sua construção, e esta se encontra bem conservada, pois todos que fazem parte direta ou indiretamente da comunidade escolar zelam pela imagem da instituição. Salienta-se, no entanto, que a reforma não mudou muito a configuração espacial, pois esta possui duas salas de aula, dois banheiros, uma cozinha, uma dispensa e um pátio, foi acrescentado uma secretaria e se construiu um muro. A escola apresenta ainda quarenta e cinco carteiras, dois quadros brancos, dois birôs, uma estante, uma geladeira, dois filtros, um liquidificador e um fogão industrial, uma televisão e um DVD.

---

<sup>9</sup> O Prefeito como forma de agradecimento, por saber que o doador do terreno era devoto do divino Espírito Santo, colocou o nome da escola em sua homenagem e, até hoje é denominada de Escola Municipal Espírito Santo



Figura 13: Escola Municipal Espírito Santo.

A Escola após a reforma. Fonte: Sheila Almeida, novembro de 2010.

Atualmente, a escola possui quatro funcionários: uma merendeira, uma auxiliar de serviço e duas professoras, sendo uma responsável pela escola. No que diz respeito aos alunos, a mesma apresenta 32 alunos distribuídos em duas classes multisseriadas, que vão desde o Ensino Infantil até o 5º ano da Primeira Fase do Ensino Fundamental.

As professoras, formadas em Pedagogia pela Universidade Vale do Acaraú (UVA), participam dos planejamentos escolares que ocorrem sempre no início de cada bimestre e também da capacitação continuada, além dos diversos projetos oferecidos pela Secretaria de Educação do Município; com isto, os professores são qualificados para introduzir a realidade vivida dos alunos com os conteúdos que são repassados, pois sempre nos encontros pedagógicos são escolhidos temas e conteúdos a serem trabalhados em cada série e, cabe ao professor adequá-los à realidade dos alunos.

Com relação aos projetos são diversos, como o Jornal Escolar e o Projeto Pró-Biblioteca, conforme já foi citado anteriormente, ocorre também a Semana de Leitura, com apresentação de sarau (Figura 14). Diante do exposto, a escola foi destaque por dois anos seguidos (2009 e 2010) na Provinha Brasil, que é uma prova realizada, no início e no final do ano letivo, pelo Ministério da Educação (MEC) tendo como objetivo avaliar as crianças do 2º ano das instituições públicas.



Figura 14: Atividade de leitura na escola municipal.

Alunas declamando poemas na semana de leitura, com a presença da comunidade local. Fonte: Sheila Almeida, novembro de 2010.

No que diz respeito ao processo de ensino, nota-se que há um anseio em trabalhar temas atuais e que envolvam os alunos, através de uma busca constante por métodos avaliativos que vão, desde a prova escrita até atividades orais, procurando avaliar o aluno em todos os seus aspectos inclusive o afetivo, não importando apenas a quantidade, mas sim a qualidade. O que se nota é que há uma verdadeira procura pela educação de qualidade, ainda mais por se acreditar que esta é quem pode mudar a vida e a realidade da comunidade local.

### 3.3.3.1 Resultados obtidos na Escola Municipal Espírito Santo, Sítio Ribeiro, Alagoa Nova – PB

A pesquisa foi realizada em turma multisseriada do 3º ao 5º ano da Primeira Fase do Ensino Fundamental (Figura 15), com 19 alunos de uma faixa etária em torno de 8 a 15 anos de idade. Destaca-se, que estes alunos estão dentro da faixa etária considerada “normal” para a turma anteriormente citada, já que a maioria, 68,4%, tem entre 9 e 10 anos. Como se pode notar uma característica marcante neste tipo de turma, há uma grande heterogeneidade em relação não só a idade como também ao aprendizado, por se tratar não só de séries diferentes, mas também de idades e assim, conseqüentemente, um ritmo diferenciado em absorver os conteúdos.



Figura 15: Turma multisseriada do 3º ao 5º ano da E. M. Espírito Santo.

Turma na qual foi realizada a pesquisa. Fonte: Sheila Almeida, novembro de 2010.

A maioria dos alunos, 84,2%, mora no Sítio Ribeiro, e os demais moram em sítios vizinhos, como o Lagêdo e o Carrasco. Muitos enfrentam obstáculos como travessia de rios, longas caminhadas - 30 minutos, dentre outros. Diante do quadro em destaque, os alunos ficam desconcentrados dificultando, assim, o processo de aprendizagem.

No que diz respeito à renda familiar, não houve aplicação de um questionário relacionado ao tema, já que se subentende que a maioria dos pais ganham o equivalente de um a dois salários mínimos, tendo em vista que todos os alunos afirmaram que a ocupação do pai e da mãe era, respectivamente, agricultor e dona-de-casa e que 88,2% recebem o Bolsa Família, um Programa do Governo Federal para pessoas de baixa renda.

Com relação aos meios de comunicação de que eles dispunham, mencionaram em primeiro lugar a televisão (tanto que alguns alunos posteriormente desenharam antenas parabólicas), rádio e celular<sup>10</sup>; e os meios de transportes utilizados eram carro e moto.

A escolha desta turma deveu-se ao fato de observar a defasagem que há quanto ao ensino de Geografia nas séries iniciais, devido as professoras não serem formadas na área e, também de esta ser uma turma multisseriada, onde a carência é maior ainda e necessitar de um novo método para se transmitir quão imensa é a geografia para a descoberta do espaço global e local.

<sup>10</sup> Destacamos que a ausência do acesso à *internet* resulta da baixa renda das famílias e de *lan houses* no local.

De início, a pesquisa fundamentou-se na observação da turma, desde o começo do ano de 2010, semanalmente durante as aulas de Geografia, para poder se ter uma noção básica do que todos daquele ambiente escolar entendiam não só por paisagem, que é o objetivo maior desta pesquisa, como também o que eles imaginavam ser esta ciência e o quanto esta poderia ser útil para as suas vidas, para o entendimento do espaço geográfico em sua volta.

Conseguiu-se, com isto, um grande entrosamento com a turma, uma maior liberdade de conversa, de diálogo, para poder captar o máximo possível da realidade oferecida pelos subsídios que estes alunos iriam oferecer através de suas respostas aos questionários, mas principalmente através de seus discursos, não só dentro da sala como também durante as aulas, pois todo o tempo em que eles estavam na escola, no horário da chegada enquanto esperavam as aulas se iniciarem, no recreio, na merenda, nas conversas tínhamos como objetivo “desvendar” o universo que cerca estes alunos, com o intuito de entender o que futuramente eles fossem discorrer por Geografia, por paisagem e organização do espaço; espaço este que estava totalmente ligado a realidade vivida por eles.

Após esta fase de “reconhecimento informal” da turma, foi aplicado um questionário para poder ter uma resposta mais formal do que eles entendiam pelos temas anteriormente abordados.

A pergunta inicial estava ligada à Geografia e tinha como intuito saber se os alunos gostavam desta matéria e o que eles aprendiam com ela. As respostas foram vagas e não apresentaram uma justificativa muito consistente (Figuras 16 e 17):

I – Você gosta de Geografia? O que você aprende com ela?

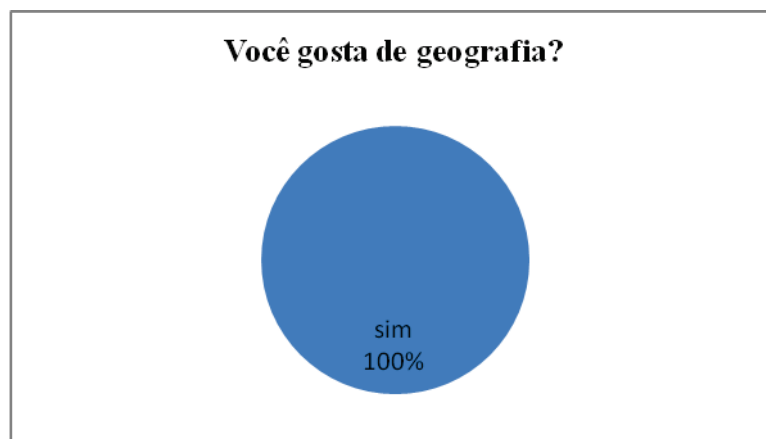


Figura16: Resposta dos alunos sobre sua preferência por Geografia. Fonte: Sheila Almeida, Maio de 2011.

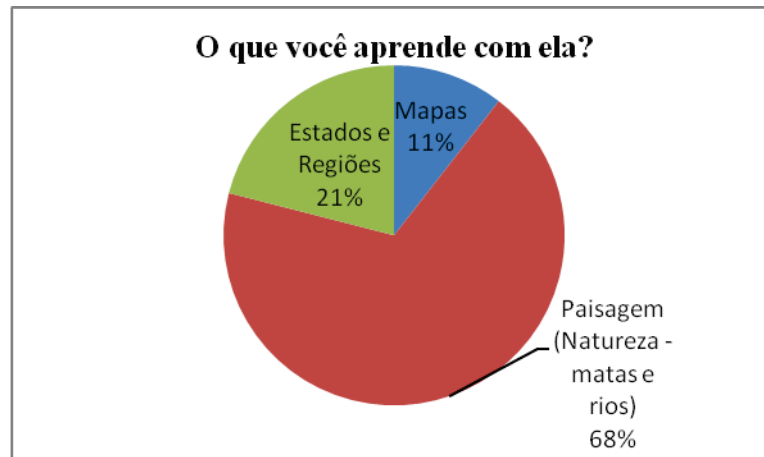


Figura 17: Resposta dos alunos sobre o que eles aprendiam com geografia. Fonte: Sheila Almeida, Maio de 2011.

Diante dos dados apresentados anteriormente, constatamos que os alunos gostam de geografia, sempre relacionando-a aos elementos naturais onde se sobressaíam rios, as matas, dentre outros. Deste modo, salientamos a relação entre o espaço vivido e a construção do conhecimento geográfico por parte dos alunos.

Com relação aos outros dados apresentados, destacamos o caráter descritivo e memorizante, pois segundo os alunos a Geografia também estaria relacionada à “construção” de mapas, onde decoram as Regiões e os Estados, com suas respectivas capitais.

A segunda pergunta do questionário pedia para os mesmos desenharem uma paisagem:

II – Desenhe uma paisagem.

Os alunos do 3º e do 4º ano desenharam figuras relacionadas ao cenário natural com destaque para os elementos naturais – rios, nuvens, sol, árvores, dentre outras, compondo um cenário onde é apresentada uma relação harmônica entre sociedade e natureza (Figura 18). Porém, alguns desenharam objetos artificiais como exemplo suas casas e estradas relacionando-os ao seu espaço de vivência. No entanto, destacamos que na concepção dos alunos tudo é sempre muito bonito, mesmo com a intervenção do ser humano é como se a paisagem só fosse construída por belas figuras.



Figura 18: Desenho de uma aluna do 3º ano sobre paisagem. Fonte: Camila da Silva Santos.

Com relação à turma do 5º ano, observamos que houve um maior aprofundamento a respeito da construção do conceito de paisagem, pois apesar de estarem sempre ligados ao natural, os desenhos de sete alunos tinham a intervenção humana e nas figuras de quatro alunos já se pode notar a presença da “paisagem feia” (Figura 19).

Foi possível notar esta intervenção com a representação de queimadas, de desmatamento, poluição de rios e também a mudança de cenários, com as figuras de cidades repletas de edifícios e antenas parabólicas compondo um cenário mais urbano, onde se destaca a maior ação do homem sobre o espaço, assinalando, deste modo, as metamorfoses do espaço<sup>11</sup>.

<sup>11</sup> Ao analisar a relação sociedade e natureza no período atual Santos (2008, p. 17) nos afirma que: “a história das relações entre sociedade e natureza é, em todos os lugares habitados, a da substituição de um meio natural, dado a uma determinada sociedade, por um meio cada vez mais artificializado (...) em cada fração da superfície terra, o caminho que vai de uma situação a outra se dá de maneira particular; e a parte do “natural” e do “artificial” também varia”.

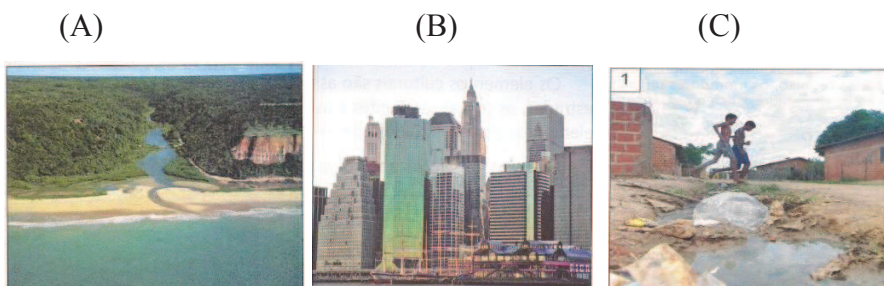




Figura 19: Desenho de uma aluna do 5º ano sobre a paisagem. Fonte: Flávia Lins de Oliveira.

A terceira pergunta estava relacionada a três figuras presentes no livro didático utilizado pelos alunos e perguntava-se aos mesmos em qual eles identificavam ser uma paisagem e sua justificativa (Figura 20).

III – Observe as figuras das letras A, B, C:



- ( ) Nenhuma é paisagem
- ( ) Apenas A é uma paisagem
- ( ) As três são paisagens
- ( ) Apenas B é uma paisagem
- ( ) Apenas C é uma paisagem



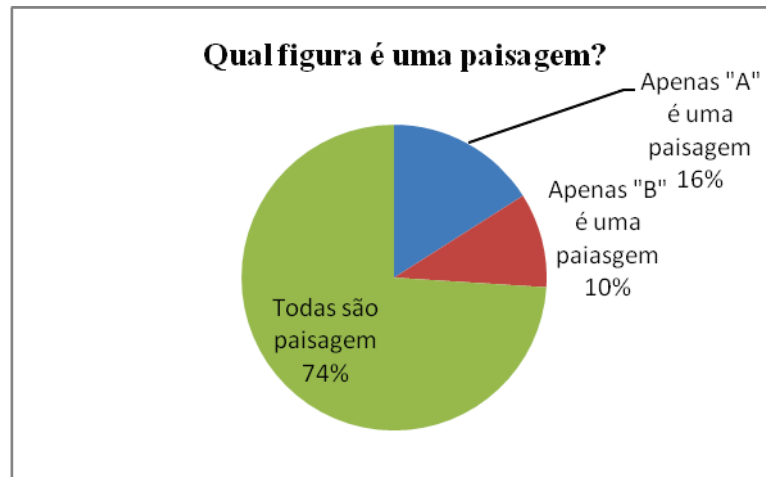


Figura 20: Resposta dos alunos sobre qual figura é uma paisagem. Fonte: Sheila Almeida, Maio de 2011.

Ao analisar especificamente as respostas por segmentos, observamos que:

- Turma do 3º ano (total de 03 alunos):

Um dos alunos marcou a letra A (porque acha “bonita e maravilhosa”) e dois a letra B, apenas porque sim.

- Turma do 4º ano (total de 05 alunos):

Dois marcaram a letra A (porque é bonita e tem rios e árvores), e três marcaram que todas eram paisagens. Porém, apenas um disse que era porque paisagem é tudo o que se vê.

- Turma do 5º ano (total de 11 alunos):

Todos marcaram que todas as figuras eram paisagens, pois esta é tudo “o que agente ver e sente”. Salientamos, que esta é a definição que todos eles têm por este conceito, pois é a conceituação que é apresentada no livro utilizado pelos alunos e que foi trabalhada nas aulas com eles.

Após a etapa inicial, de levantamento de dados, através do questionário de que modo os alunos entendiam e formavam o conceito de paisagem, foram realizadas atividades como aulas expositivas e dialogadas e trabalhos de campo para uma melhor compreensão do que é a Geografia e como a paisagem pode ajudar na construção do conhecimento geográfico e no entendimento da organização espacial, já que a professora da turma afirma: “não estar tão

preparada para ‘repassar’ ou mesmo para construir o conhecimento geográfico, justamente por não ter sido formada nesta área nem ter formação continuada para exercer tal função”.

Posteriormente, foram realizadas as aulas em sala, onde através da explanação do assunto e da troca de saberes, foram se formando diversos conceitos, visto a importância da sua construção como já foi abordado anteriormente, e isto se fez ainda mais necessário principalmente pela deficiência encontrada pela professora regente. Segundo esta, “não é sempre que trabalhamos com conceitos, já que a formação é em Pedagogia e muitas vezes sentimos a carência de um geógrafo para as aulas”, mostrando com isto que os educandos têm a necessidade de tanto formar seus próprios conceitos como também de uni-los aos conceitos de expoentes da Geografia, a saber: Milton Santos, Lana de Souza Cavalcanti, Roberto Lobato Corrêa, Zeny Rosendahl, Denis Cosgrove, dentre outros, que apresentam o conceito de Paisagem.

Como atividade complementar também foi realizada uma aula de campo, para que os alunos pudessem observar *in loco* (Figura 21), em seu espaço vivido, que as paisagens são dinâmicas.



Figura 21: Poço para armazenar água no Sítio Ribeiro.

A técnica depende do poder aquisitivo da sociedade. A população local usufrui deste meio para poder armazenar água e muitas das vezes até canalizar para as suas residências. Fonte: Sheila Almeida, setembro de 2010.

Todas são carregadas de significados ocultos e de simbologias, que cada um de acordo com a sua subjetividade pode desvendá-las e que estas, acima de tudo, apresentam múltiplas dimensões e revelam como a sociedade inserida no espaço físico participa ativamente do

processo de construção, destruição e reconstrução, de acordo com as técnicas e com a cultura de cada sociedade.

É notável o quanto muda a função da paisagem de acordo com o desenvolvimento das técnicas, de como quanto maior o poder aquisitivo maior a mudança no papel desempenhado pelos espaços, pois antes as casas de farinha eram à base do sustento familiar da comunidade e agora se transformaram em depósito de ração animal e até em garagens (Figura 22) devido esta forma de atividade agrícola ter decaído.

Conforme Cavalcanti (2008), a paisagem pode ser formada pelos sentidos, assim foram realizadas outras atividades onde se usava os sentidos dos alunos – olfato, audição, paladar, visão e tato - para eles poderem expressar as suas percepções a respeito da construção da paisagem.



Figura 22: Antiga Casa de Farinha.

Muitos dos alunos nunca viram uma casa de farinha em funcionamento, já que agora ela serve como depósito para ração animal, vemos que a forma continuou a mesma, porém a função mudou. Fonte: Sheila Almeida, novembro de 2010.

Como metodologia, ouvimos a música Favela (ver em anexo), do grupo Parangolé, a música foi escolhida por ser uma letra sempre cantada pelos alunos na escola. Duas alunas desenharam o que elas iam ouvindo e o que acreditavam ser uma favela, assim ficou visível, o quanto elas têm de conceitos diferentes, já formados, sobre esta fração do espaço urbano, pois cada uma desenhou o espaço anteriormente citado de modo diferente (Figura 23).



Figura 23: Atividade realizada em sala de aula tendo como objetivo a construção do conceito de paisagem.

Os alunos puderam construir o conceito através da música, usando o sentido da audição. Fonte: Sheila Almeida, novembro de 2010.

Após estas atividades, novamente foi solicitado aos alunos para que eles, agora depois do que foi visto na aula de campo e nas atividades desenvolvidas na classe, pudessem desenhar outra vez uma paisagem. O resultado foi excelente, posto que em comparação com as primeiras análises, percebemos significativas alterações, pois eles foram capazes de sintetizarem em suas figuras o que foi visto nas atividades desenvolvidas durante as aulas.

Todos desenharam tanto paisagens naturais quanto artificiais, lembrando que nas artificiais foram desenhadas figuras que estavam relacionadas com os pontos visitados na aula de campo, eles comentaram o que queriam expressar quando desenharam uma estrada sem pavimentação, dizendo que era deste modo porque não havia interesse político e também por não haver muito fluxo de pessoas; quando desenharam a igreja, viram que a maioria das pessoas da comunidade era católica, por isso sempre nas casas viam muitas imagens religiosas caracterizando, desta forma, o aspecto simbólico; desenharam diversas formas de captar água, analisando que dependendo do tamanho do terreno e do poder aquisitivo os proprietários faziam cacimbas, poços ou açudes; e todos também desenharam figuras que estavam relacionadas com o seu lugar, pois durante as explicações dos seus desenhos, eles esclareciam que haviam desenhado a árvore de natal, pois era perto da época natalina, antenas parabólicas - uma novidade na casa de alguns.

Muito interessante foi uma casinha na árvore que quase todos os meninos desenharam, quando os questionamos, afirmaram que era porque tinham visto em um desenho e era o

sonho deles possuir “um clube” com a casinha na árvore, mostrando assim o simbolismo arraigado na paisagem.

Desde o início das observações e quando se iniciou com o questionário, os alunos quando perguntados sobre o conceito anteriormente destacado eles respondiam em coro “é tudo o que agente ver e sente”. No entanto, eles não tinham a noção do que era este sentir a paisagem. Posterior às explicações relacionadas ao tema, os alunos conseguiram compreender o significado de Geografia e que por meio das paisagens existentes, vivenciadas cotidianamente podemos compreender a organização espacial do qual eles são frutos, mas ao mesmo tempo são agentes modificadores, pois ao realizarem uma análise de seus próprios desenhos conseguiram entender como há muitos aspectos geográficos implícitos nas paisagens, como a determinação do meio físico, as mudanças de acordo com a cultura, economia e tecnologia que a sociedade apresenta.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciamos com nossas pesquisas acreditávamos que por meio do conceito de paisagem fosse possível compreender a organização espacial e, à medida que nos aprofundávamos nas leituras e nos levantamentos de dados, ficou comprovado que este “artefato” é um grande subsídio para o ensino geográfico, tendo em vista que ele se constitui em uma categoria de análise da ciência geográfica.

Ao acreditarmos que “a Geografia está em toda parte” (COSGROVE, 1998, p. 121) e que precisamos compreender como os fatos e fenômenos acontecem no espaço, se faz necessário encontrarmos diversas formas para que o processo de construção do conhecimento geográfico possa ocorrer, pois é preciso conhecer todas as dimensões em que ocorre a organização espacial. Deste modo, é necessário que se analise não só o objetivo, as formas visíveis, mas toda a subjetividade que leva a criação de diversas formas. Para tal, tem que haver uma análise a respeito da relação sociedade e natureza, já que não há como haver metamorfoses no espaço sem as relações sociais.

Tomando como base esta intrínseca relação existente entre a sociedade com suas “imposições” e as diversas formas de organização do espaço, observa-se que o aluno, ao confrontar seu espaço vivido com o conceito de paisagem, é capaz de entender como se configura esta relação.

Diante do exposto, torna-se ainda mais relevante a utilização do conceito de paisagem, já que estas:

revelam sua estrutura social e conformam lugares, regiões e territórios. A paisagem é a materialidade, mas é ela que permite à sociedade a concretude de suas representações simbólicas. Por conseguinte, as mudanças morfológicas na paisagem não são inócuas e não podem ser analisadas em apartado às práticas sociais (LUCHIARI, 2001, p. 13-14).

Revela-se com isto que os alunos da Primeira Fase do Ensino Fundamental podem fazer uma análise de como os fatores ambientais somados aos históricos e socioeconômicos, se interligam através das ações humanas construindo distintos espaços, onde eles são sujeitos ativos desta “inovação do espaço geográfico” e, ao mesmo tempo, são produtos deste, já que fazem parte diretamente não só da leitura do espaço, mas também de sua construção em

diferentes lugares, regiões e territórios, entendendo, assim, as diversas paisagens carregadas de significados, que fazem parte de sua vivência.

Quando se utiliza a realidade do aluno na transmissão e no processo de construção do conhecimento geográfico, este é capaz de assimilar melhor os objetivos propostos, já que o processo de ensino/aprendizagem tem como objetivo que o aluno possa assimilar os conhecimentos científicos e ligá-los à sua realidade formando com isto, um pensamento crítico frente a problemas encontrados em seu cotidiano.

O propósito é que durante as aulas de geografia os alunos possam formar conceitos geográficos partindo de sua realidade, assim, eles conseguirão por meio de uma reflexão sobre o seu lugar, compreender como ocorre a organização do espaço em sua volta, objetivo da geografia. E tendo como base o conceito de paisagem, eles vão poder apreender as formas que lhe são visíveis - que mostram as decisões tomadas no passado e que são constantemente modificadas por novos intérpretes - no qual estão inseridos.



## REFERÊNCIAS

BOBEK, Hans; SCHNITHIISEN, Josef. **A paisagem e o sistema lógico da geografia.** IN: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). Paisagem, Tempo e Cultura. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997.

CARVALHO, Maria Inez da Silva de Souza. **Fim de Século:** a escola e a geografia. 2ª Ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2004.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A Geografia Escolar e a Cidade:** Ensaio sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana. Campinas, SP: Papirus, 2008 – (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

\_\_\_\_\_. **Geografia, escola e construção de conhecimentos.** 9ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2006.

\_\_\_\_\_. **Geografia e práticas de ensino.** Goiânia: Alternativa, 2002.

CLAVAL, Paul. **Terra dos homens:** a geografia. Tradução Domitilia Madureira. – São Paulo: Contexto, 2010.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagem, Tempo e Cultura.** Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.

\_\_\_\_\_; CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; (orgs.). **Geografia:** Conceitos e Temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

\_\_\_\_\_. **Região e Organização Espacial.** 2ª Ed. São Paulo: Editora Ática, 1987.



COSGROVE, Denis. **A Geografia está em toda a parte:** Cultura e simbolismo nas paisagens humanas. IN: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). Paisagem, Tempo e Cultura. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.

COSTA, Maria Helena Braga e Vaz da. **Paisagem e simbolismo:** representando e/ou vivendo o “real”? . IN: Espaço e Cultura. Edição comemorativa (1993-2008). Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 2008.

COSTA, Otávio. **Memória e paisagem:** em busca do simbolismo dos lugares. IN: Espaço e Cultura. Edição comemorativa (1993-2008). Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 2008.

CUNHA, Maria Isabel da. **O bom professor e sua prática.** 20ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2008 (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

DIAS, Leila Chirstina. **Redes:** emergência e organização. IN: CORRÊA, Roberto Lobato; CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; (orgs.). Geografia: Conceitos e Temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

GOMES, Edvânia Torrês Aguiar. **Natureza e Cultura –** Representações na Paisagem. IN: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). Paisagem, Imaginário e Espaço. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

HOLZER, Werther. **Paisagem, Imaginário, Identidade:** Alternativas para o estudo geográfico. IN: ROSENDAHL, zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). Manifestações da Cultura no Espaço. Rio de Janeiro: ED. UERJ, 1999.

LACOSTE, Yves. **A Geografia – Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra.** 10ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

LÉON, Wilson. Escola Ativa. **Capacitação de Professores.** 3ª reimpressão. Brasília: Fundescola/MEC, 2004.

LUCHIARI, Maria Tereza Duarte Paes. **A (Re)Significação da Paisagem no período contemporâneo.** IN: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). Paisagem, Imaginário e Espaço. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

OLIVEIRA, Rafael da Silva (org.). **Baixada Fluminense: novos estudos e desafios**. Rio de Janeiro: Editora Paradigma, 2004.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de (org.). **Para onde vai o ensino de geografia?** 9ª ed.- São Paulo: Contexto, 1991 – (Repensando o ensino).

PROJETO PITANGUÁ: **Geografia/** Organizadora Editora Moderna; Obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna; editora responsável Sonia Cunha de Souza Danelli. 2ªed. São Paulo: Moderna, 2008.

SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional**. 5ª ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

\_\_\_\_\_. **Metamorfose do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia**. São Paulo: Hucitec, 1998.

SAUER, Carl O. **A morfologia da paisagem**. IN: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). Paisagem, Tempo e Cultura. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.

SOUZA, Cristiane Aureliano de. **A organização cooperativista como fortalecimento da atividade das bordadeiras de Alagoa Nova- PB**. (Monografia apresentada ao curso de licenciatura plena em Geografia). Campina Grande – PB: UEPB, 2010.

SUZUKI, Júlio Cesar. **Geografia Agrária: Gênese e Diversidade**. IN: MARAFON, Glaucio José; RUA, João; RIBEIRO, Miguel Angelo (orgs.). Abordagens teórico-metodológicas em geografia agrária. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org.). **Técnicas de ensino: Por que não?** Campinas, SP: Papirus, 1991.

VIEIRA, Marcos Vinícius. **A modelagem as Paisagem Carioca pela violência urbana: Uma investigação**. Rio de Janeiro: 2009 (Tese de Mestrado. Programa de Pós-Graduação).

VLACH, Vânia Rubia Farias. **O ensino de geografia no Brasil:** Uma perspectiva histórica . IN: VESSENTINI, José William (org.). O ensino de geografia no século XXI. 3ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2004.

[http://www.releituras.com/jessierq\\_paisagem.asp](http://www.releituras.com/jessierq_paisagem.asp) Acesso em: 04/03/2011

<http://www.censo2010.ibge.gov.br/> Acesso em: 22/12/ 2010

<http://www.pmalagoanova.com.br/> Acesso em: 05/03/2011

<http://sbph.org/2005/teoria-historiografia-fontes-e-metodologia/viviane-de-oliveira-lima> Acesso em: 10/04/2011

## APÊNDICES

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA – UEPB  
CENTRO DE EDUCAÇÃO- CEDUC  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA – DHG  
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA  
ALUNA: SHEILA ALMEIDA DE OLIVEIRA

### QUESTIONÁRIO-DIAGNÓSTICO

(PROFESSOR)

Nome:

1. Leciona há quanto tempo?
2. Em qual universidade se formou e quando?
3. Você gosta de sua profissão? Por quê?
4. Quais os maiores desafios encontrados em sua prática docente?
5. Você acha que a disciplina de Geografia pode ajudar o aluno em seu cotidiano? Por quê?
6. Você sente dificuldade em lecionar Geografia? Se sim, quais?
7. Os alunos gostam de Geografia?
8. Os alunos sentem dificuldade em aprender Geografia? Se sim, quais?
9. Em relação ao livro didático adotado em sua escola, qual avaliação você faz dele?
10. Você em suas aulas de Geografia trabalha com os conceitos geográficos? Por quê?
11. Como você analisa o Conceito de Paisagem e sua relação com o espaço e as experiências vividas dos educandos?
12. Como trabalha os conteúdos locais em sala de aula?

## ANEXOS

Música: Favela

Grupo: Parangolé

“Favela Ê Favela  
 Favela eu sou Favela  
 Favela Ê Favela  
 Respeite o povo que vem dela  
 Favela Ê Favela  
 Favela eu sou Favela  
 Favela Ê Favela  
 Ô já ta quase na hora do meu bonde passar  
 Levando a galera que faz as loucuras  
 Pega no batente dessa vida dura  
 Que acorda bem cedo para ir trabalhar  
 Ô mas que nunca perde sua fé  
 Que samba na ponta do pé  
 O alimento da alma é sonhar ÊÊ  
 Favela Ê Favela  
 Favela eu sou Favela  
 Favela Ê Favela  
 Respeite o povo que vem dela  
 Favela Ê Favela  
 Favela eu sou Favela  
 Favela Ê Favela  
 Não tem aleotria idéia de preto  
 Que sobe as escadas e passa por becos  
 Conhece a noite ele mora do Gueto  
 Não tem aleotria idéia de preto  
 Que sobe as escadas e passa nos becos  
 Conhece a rua ele mora do Gueto  
 Favela Ê Favela  
 Favela eu sou Favela  
 Favela Ê Favela  
 Respeite o povo que vem dela  
 Favela Ê Favela  
 Favela eu sou Favela  
 Favela Ê Favela”